

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

**Um comedido relicário da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Viçosa -
Minas Gerais**

Danusi de Paula Rodrigues
Magister Scientiae

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2024**

DANUSI DE PAULA RODRIGUES

**Um comedido relicário da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Viçosa -
Minas Gerais**

Dissertação Mestrado Profissional
apresentada à Universidade Federal de
Viçosa, como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Patrimônio Cultural Paisagens e
Cidadania (Profissional), para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Leonardo Civalo

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2024**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

R696c
2024
Rodrigues, Danusi de Paula, 1990-
Um comedido relicário da Igreja de Nossa Senhora do
Rosário em Viçosa / Danusi de Paula Rodrigues. – Viçosa, MG,
2024.

1 dissertação eletrônica (99 f.): il. (algumas color.).

Orientador: Leonardo Civale.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de História, 2024.

Referências bibliográficas: f. 93-99.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2025.713>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Viçosa, MG) -
História. 2. Patrimônio cultural - Viçosa (MG). 3. Identidade
social - Viçosa (MG). 4. Memória coletiva - Viçosa (MG) .
I. Civale, Leonardo, 1962-. II. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em
Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. III. Título.

CDD 22. ed. 981.51

DANUSI DE PAULA RODRIGUES

**Um comedido relicário da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Viçosa -
Minas Gerais**

Dissertação Mestrado Profissional
apresentada à Universidade Federal de
Viçosa, como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em Patrimônio
Cultural Paisagens e Cidadania (Profissional),
para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 3 de setembro de 2024.

Assentimento:

Danusi de Paula Rodrigues
Autora

Leonardo Civale
Orientador

Essa dissertação mestrado profissional foi assinada digitalmente pela autora em 03/12/2025 às 11:55:12 e pelo orientador em 03/12/2025 às 12:02:29. As assinaturas têm validade legal, conforme o disposto na Medida Provisória 2.200-2/2001 e na Resolução nº 37/2012 do CONARQ. Para conferir a autenticidade, acesse <https://siadoc.ufv.br/validar-documento>. No campo 'Código de registro', informe o código **FBOL.BOMN.FLS8** e clique no botão 'Validar documento'.

*À minha mãe, nascida sob aurora da Santa, no 8 de outubro, e que por isso carrega
a coroa de rosas em seu nome.*

AGRADECIMENTOS

À Maria, que sempre me lembra, que a coragem também pode ser suave. E que sempre confiou que havia algo em mim que merecia continuar. E foi essa confiança que me sustentou quando duvidei.

Às Mouras Amanda e Liu, que caminham comigo com a generosidade da partilha. Cujas pesquisas serviram de inspiração, assim como as próprias se fazem em tantos momentos dessa vida.

À Lis, que com paciência foi fundamental para que a ideia tomasse corpo no papel e dele se expandisse para todos os horizontes que encontrou e encontrará.

Ao meu irmão, Caio. Que dividiu comigo quase toda a vida — não só os espaços e os dias, mas também os silêncios, os pequenos pactos, e o amor. Nosso laço é chão firme, mesmo quando tudo ao redor se move.

E às mulheres que vieram antes, e que abriram caminhos sem saber se teriam tempo de trilhá-los. Que trabalharam mais do que descansaram, que sonharam em pedaços, que carregaram o que não cabia em seus corpos, para que um dia eu pudesse escrever, pensar, existir com mais espaço. A elas, toda a minha gratidão. Que este trabalho seja um gesto de continuidade, e que ele sirva para fortalecer as que virão depois de mim.

Este trabalho foi realizado com o apoio das seguintes agências de pesquisa brasileiras: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

*Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra*

*Brasil, meu dengo
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que
descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato*

Samba enredo da Mangueira - 2019.

RESUMO

RODRIGUES, Danusi de Paula, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2024. **Um comedido relicário da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Viçosa - Minas Gerais.** Orientador: Leonardo Civalle.

Este trabalho investiga a importância histórica do patrimônio cultural da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Viçosa, Brasil, enfatizando-se a ausência de uma abordagem patrimonial que destaque a contribuição afro-brasileira na constituição da história do bem, além de apontar uma escassez de registros disponíveis. De outro modo, a Igreja do Rosário ocupa um lugar central na história da cidade, sendo um testemunho de seu passado arquitetônico e religioso. No entanto, a história das pessoas negras e suas contribuições para a igreja e a comunidade permanecem sub-representadas e negligenciadas. Assim, buscando preencher essa lacuna histórica, examinou-se minuciosamente os registros existentes e coletaram-se informações disponíveis sobre os indivíduos negros associados à igreja. O objetivo é consolidar esses registros dispersos e criar um repositório abrangente do patrimônio afro brasileiro associado à igreja. Esta pesquisa não apenas contribui para uma compreensão mais inclusiva e precisa da história de Viçosa, como também destaca a importância de se reconhecer e se preservar o patrimônio das comunidades marginalizadas.

Palavras-chave: Igreja do Rosário; Viçosa; festas de congado; memória cultural; patrimônio; transformação urbana.

ABSTRACT

RODRIGUES, Danusi de Paula, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, September, 2024. **A measured reliquary from the Church of Our Lady of the Rosary in Viçosa - Minas Gerais.** Adviser: Leonardo Civalle.

This research explores the historical significance and cultural heritage of the Church Our Lady of the Rosary in Viçosa, Brazil, with a particular focus on the absence of Black heritage and the scarcity of available records. The Church of Rosary holds a central place in the town's history, serving as a testament to its architectural and religious past. However, the history of Black individuals and their contributions to the church and community remains underrepresented and overlooked. This study seeks to address this historical gap by meticulously examining existing records and collecting any available information regarding Black individuals associated with the Church of Rosary. The goal is to consolidate these scattered records and create a comprehensive repository of Black heritage associated with the church. This research not only contributes to a more inclusive and accurate understanding of Viçosa's history but also emphasizes the importance of recognizing and preserving the heritage of marginalized communities.

Keywords: Our Lady of Rosary; Church; Viçosa; Memory

A primeira Nair e a Maria José *in memoriam*



Fotomontagem realizada pela talentosa artista e antropóloga Amanda Moura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quatro Pilastras da UFV	20
Figura 2 – Periferia de Viçosa.....	21
Figura 3 – Coleta e esmolas para irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Rio Grande do Sul.....	29
Figura 4 – Homenagem à Nossa Senhora do Rosário dos Pretos na Bahia	40
Figura 5 – Cortejo de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo, Viçosa....	40
Figura 6 – Programação da Festa de Nossa Senhora do Rosário em Viçosa. 2022...41	
Figura 7 – Mapa da cidade de Viçosa, ano indefinido	44
Figura 8 – Aula de educação física - Campus ESAV – 1935	46
Figura 9 – Vista aérea da cidade de Viçosa - 1939, onde se vê à direita, a Igreja Matriz de Santa Rita, e a esquerda a Igreja do Rosário	47
Figura 10 – Perfil da Igreja do Rosário.....	51
Figura 11 – Foto da demolição da Igreja.....	51
Figura 12 – Imagem de 1968, com a igreja já demolida, há um planejamento de um clube ou hotel, espaço que na década de 90 foi ocupado pela prefeitura.....	52
Figura 13 – Praça do Rosário 2018, no local onde havia a igreja, se tornou abrigo para prefeitura.....	52
Figura 14 – Festa de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja São José.....	56
Figura 15 – Crianças da banda de Congado de São José do Triunfo	57
Figura 16 – Crianças vestidas com traje de Santa Rita - Festa de Santa Rita em Viçosa	57
Figura 17 – Procissão de Santa Rita	58
Figura 18 – Antiga fachada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no centro de Viçosa, MG	60
Figura 20 – Antiga Matriz de Santa Rita de Cássia, 1940.....	62
Figura 21 – Atual Matriz de Santa Rita de Cássia, 2019.....	62
Figura 22 – Construção da Igreja Matriz	63
Figura 23 – Foto da construção da Matriz, e do lado, a antiga	63
Figura 24 – Inauguração da nova Matriz.....	64
Figura 25 – Passagens bíblicas no Jornal folha da mata, 1965.....	65
Figura 26 – Reportagem 1, Jornal Folha de Viçosa	66
Figura 27 – Reportagem 2, Jornal Folha de Viçosa	68

Figura 28 – Reportagem 3, Jornal Folha de Viçosa	70
Figura 29 – Igreja do Rosário	75
Figura 30 – Perfil da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no centro de Viçosa, MG	75
Figura 31 – Igrejas do Rosário e matriz de Santa Rita de Cássia, antes e depois	76
Figura 32 – Praça do Rosário 1950. Nota-se uma parte da Igreja, à direita da foto	77
Figura 33 – Festa realizada na praça do Rosário, fotografia doada ao Arquivo Central da UFV pela família do Sr. Oswaldo de Sales Tiburcio, 1930.....	77
Figura 34 – Fragmento de fotografia com parte da Igreja do Rosário	78
Figura 35 – Demolição da Igreja do Rosário	78
Figura 36 – Demolição da Igreja do Rosário.....	79
Figura 37 Foto Montagem da Igreja do Rosário com Congadeiros	82
Figura 38 – Praça do Rosário, ano desconhecido	83
Figura 39 – Igreja do Rosário ano desconhecido. Coloração artificial	83
Figura 40 – Capa de livro com foto da praça ainda com a igreja, ano desconhecido..	84
Figura 41 – Praça do Rosário em 3D	86
Figura 42 – Praça do Rosário em 3D	86
Figura 43 – Praça do Rosário em 3D	87
Figura 44 – Montagem da praça do Rosário por Alberto Pacheco	87
Figura 46 Festa de Nossa Senhora do Rosário, em São José do Triunfo	89
Box 1 – Reportagem 1, Jornal Folha de Viçosa, 24 de janeiro de 1964	67
Box 2 – Reportagem 2, Jornal Folha de Viçosa, 13 de fevereiro de 1966	68
Box 3 – Reportagem 3, Folha de Viçosa, 26 de setembro de 1966 (Manchete sobre limpeza na cidade)	71

SUMÁRIO

Lista de ILUSTRAÇÕES	9
APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	16
2. Nossa Senhora do Rosário e a devoção negra: Uma breve introdução	29
2.1. Os negros e sua influência na religião católica brasileira	33
3. A Cidade em disputa: O Pertencimento nos Espaços Urbanos	43
3.1. A Demolição	49
3.2 Entre Tradições e Espaços: a Festa do Rosário e a Festa de Santa Rita em Viçosa....	53
4. Lidando com as fontes: Escovando a História a contrapelo.....	59
4.1. Jornal Folha da Mata	64
4.2 Viçosa nos jornais: um capítulo inacabado.....	72
5. Comedido acervo e proposta de produto final: “Um Relicário Imenso”	74
5.1. Museu Virtual Viçosa	79
5.2. Contribuições de Agnaldo Pacheco	85
5.3. Produto Final	87
6. Considerações Finais.....	90
Nota sobre a bibliografia	92
Referências Bibliográficas	93
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	97
Videografia.....	99

APRESENTAÇÃO

Cordel para Igreja do Rosário

Na cidade de Viçosa existia uma igreja, que dos negros era um recanto
Onde a fé deles fervilhava um imenso encanto
As paredes eram simples, o teto, humilde e sereno
Mas ali a fé dos devotos era um vívido terreno
Não importava o tamanho, nem as riquezas que não tinha
Pois a chama era a crença à uma verdadeira rainha
No coração da comunidade negra ela nasceu
Testemunhando lutas, esperanças, do que aconteceu
Os devotos negros, de fé inabalável
Encontraram na igreja um refúgio inestimável
Mas em 1965, sem piedade ou razão
A igreja, em sua singeleza, foi posta à demolição.
Porém hoje, em um distrito afastado
O festejo à santa dessa igreja nunca se viu abalado
Ali, a memória persiste, na resistência que inspira
E a festa, com fervor, sua tradição não retira
Mesmo distante do centro, a tradição persiste
A fé e a devoção, nunca desistem, insistem
A santa da igreja ainda é venerada
Em festas que a mantêm, sempre celebrada
Essa memória não se perderá na história
Graças à resistência e à força de uma trajetória
No distrito da cidade, a chama continua acesa
E esse trabalho quer contribuir para que a história dessa igreja nunca desapareça

O encontro com a pesquisa marca profundamente minha trajetória acadêmica e pessoal. Olhos e ouvidos curiosos, voltados para a cidade, foram moldando o caminho que me conduziu até esse trabalho. Moradora e entusiasta da cidade de Viçosa (MG), sempre busquei enxergar, para além das mazelas tão visíveis, a complexidade e a potencialidade que esse município carrega.

Minha relação com a Universidade Federal de Viçosa (UFV) tornou ainda mais evidente a existência de um “portão invisível” que separa dois mundos distintos: de um lado, a universidade, com suas estruturas imponentes e corredores atravessados por saberes hegemônicos; de outro, a cidade que à abriga, onde grande parte da população vive distante das oportunidades de acesso ao ensino superior. Meus passos, ainda inseguros nos primeiros momentos dentro da UFV, carregavam a marca de quem vinha do outro lado desse limite não declarado, trazendo na bagagem as vivências da periferia e a consciência dos desafios que me esperavam. A instituição, ao mesmo tempo em que oferecia possibilidades, também me confrontava com fronteiras simbólicas e concretas, difíceis de atravessar.

Nesse cenário de contrastes e atravessamentos entre a universidade e a cidade, entre o pertencimento e a distância, a pesquisa sobre a Igreja do Rosário surgiu como um fio condutor, uma ponte possível entre esses dois mundos. Esse patrimônio histórico, que um dia acolheu a devoção e a expressão cultural de comunidades afrodescendentes, revelou-se como uma parte esquecida da história de Viçosa. História essa que, viçosense, de uma família majoritariamente negra e indígena, sinto-me visceralmente ligada, e que, ocupando esse espaço acadêmico, e, ao mesmo tempo, poder olhar e falar sobre o que está para além dos seus muros é, para mim, um gesto de reconexão. É tecer uma ponte entre o saber que se institucionaliza e o saber que se vive, entre o que se cala e o que precisa ser narrado. Assim, ao incluir essa narrativa no espaço acadêmico, não apenas a torno visível, mas também reinscrevo minha presença — e a de muitos outros — na paisagem histórica e afetiva de Viçosa

Reconhecer a importância dessa parte afro-brasileira da história é também reconhecer a relevância das minhas próprias raízes e da história que compartilho com tantos outros e outras que ainda não tiveram a possibilidade de ocupar esse espaço.

Numa trajetória singular de experiência e reconexão, junto às descobertas sobre a história da referida igreja, descobri também sobre mim, sobre o meu lugar no mundo, sobre injustiças, mas também sobre beleza, alegria e resistência.

Importante ressaltar que a escrita não consegue dar conta do todo que é/foi esse trabalho. Sua execução transcende as margens do papel, não pode ser contida apenas por meio das letras. Todavia, cabem às palavras a seguir a humilde tentativa de capturar a magnitude do que foi esse processo, além de, como uma produção sobre a história local, constituir-se uma retribuição para a comunidade por acreditar no dever que uma instituição pública deve ter com todos àqueles que a ela de alguma forma se ligam.

INTRODUÇÃO

Quem construiu a Tebas de sete portas? Nos livros estão nomes de reis. Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída. Quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?

Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?

A grande Roma está cheia de arcos do triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os Césares?

Bertolt Brecht, Perguntas de um trabalhador que lê.

A cidade de Viçosa, Minas Gerais, como tantas outras pelo país, guarda em suas ruas e praças, histórias que se desvaneceram com o passar do tempo. Entre essas narrativas esquecidas, destaca-se a da Igreja de Nossa Senhora do Rosário¹ - um edifício que em outro tempo, teve grande importância no cenário urbano e para a vida da comunidade local.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário¹ era mais do que um simples edifício religioso. Era um marco cultural e espiritual que desempenhava um papel na vida da comunidade. Sua existência refletia não apenas a religiosidade do povo viçosense, mas também a profunda herança afrodescendente que ajudou a moldar a identidade da cidade. Hoje, sua história resiste em pequenos fragmentos, mesmo diante do esquecimento.

Com o início de sua construção datado em 1903, com finalização no ano de 1924 (RANGEL, 2010), a edificação ficava no chamado “Largo do Rosário”, área que, depois de reurbanizada com a demolição da igreja, se tornou a Praça do Rosário, hoje centro da cidade. A Igreja foi demolida em 1965 sem que esse acontecimento se tornasse marcante na história contada pelos moradores da cidade, e quando raramente citado, é geralmente envolto em controvérsias. As razões que motivaram esse ato permanecem obscuras, uma vez que os registros disponíveis nos arquivos locais e nos jornais da época não oferecem explicações conclusivas. Esse vazio

¹ Que será ao longo do texto, ora ou outra, também referida apenas por Igreja do Rosário.

documental parece ter contribuído para o progressivo apagamento da memória relacionada à igreja.

A notável ausência de informações substanciais sobre a Igreja do Rosário nas fontes históricas oficiais abre espaço para múltiplas interpretações. Essa lacuna foi justamente o que despertou o interesse pela realização da presente pesquisa, com o objetivo de recuperar e valorizar essa parte esmaecida da história de Viçosa.



Para muitos que chegam a Viçosa ou que nela cresceram sem ouvir essas histórias, passa despercebido o fato de que a atual Praça do Rosário leva esse nome por ter abrigado, no passado, a antiga Igreja do Rosário. Com o passar do tempo, esse marco foi sendo apagado da paisagem urbana, restando apenas o nome como testemunho silencioso de sua existência. No mesmo local onde a igreja se erguia, funcionou por anos a sede da prefeitura e, hoje, encontra-se o prédio que abriga algumas secretarias municipais. Essa sucessão de ocupações evidencia não apenas a substituição física de um patrimônio, mas também o apagamento simbólico de memórias coletivas que foram fundamentais para a formação histórica e cultural da cidade.

As considerações aqui apresentadas têm como fundamento as discussões desenvolvidas na linha de pesquisa “Memória e Identidade”, do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV. Partem do entendimento de que os princípios culturais dos diferentes grupos humanos orientam um conjunto de práticas sociais que contribuem para a constituição de suas identidades. Nesse processo, a memória desempenha um papel fundamental ao afirmar elementos que fortalecem o sentimento de pertencimento a um grupo ou comunidade.

Considerando que as relações de poder desempenham um papel significativo na formação das paisagens e na constituição de patrimônios, destaca-se neste trabalho a interferência da Igreja Católica na organização política e identitária de pequenas cidades. Esse fator exerce influência direta na maneira como o espaço

urbano é estruturado e ocupado, como se observa no caso de Viçosa.

Esses processos de interferência e influência resultaram, muitas vezes, em construções históricas que deslegitimaram a existência de determinados grupos sociais, os quais (re)existiram nas fissuras espaciais de uma sociedade hegemonicamente branca e fundamentada em ideologias judaico-cristãs.

Diante dos processos de exclusão mencionados, é necessário compreender como a cidade, enquanto espaço socialmente produzido, expressa materialmente as marcas dessas disputas simbólicas e políticas. Para isso, abordarei brevemente algumas características urbanas e históricas de Viçosa, com o objetivo de situar o leitor no contexto espacial desta pesquisa. Em seguida, exploro os referenciais teóricos que sustentam a análise da memória como um campo de tensão e resistência, destacando sua relação com os processos de pertencimento, identidade e patrimônio. Essa base conceitual é essencial para compreender como certos grupos são lembrados, enquanto outros são silenciados na narrativa urbana oficial.

1.1 A Cidade e a Memória: contextos, conceitos e o caminho da pesquisa

A cidade de Viçosa, situada na Zona da Mata Mineira e reconhecida nacional e internacionalmente por abrigar a universidade de mesmo nome, passou — e ainda passa — por intensas transformações. Muitas dessas mudanças vêm sendo documentadas em monografias, dissertações e teses que, ao longo dos anos, têm contribuído para a construção de uma memória local registrada academicamente desde a fundação da instituição.

Embora existam reflexões escritas sobre as alterações na paisagem urbana — como as que tratam da verticalização e do crescimento desordenado —, ainda são incipientes os estudos que abordam as transformações espaciais sob a perspectiva da memória de grupos historicamente marginalizados. Um exemplo emblemático dessa lacuna é a demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, espaço de grande importância para a fé e a organização social das populações negras da cidade, localizado onde hoje se encontra o centro urbano.

Deste modo, esse trabalho objetiva buscar, registrar, coletar e consolidar as informações disponíveis sobre a história desta igreja, em um esforço de documentação e compilação para a construção de um testemunho escrito que restitua parte de sua

memória e relevância cultural.

Entretanto, antes de adentrar a exposição do objeto de estudo e das problemáticas que o circundam, faz-se pertinente contextualizar o percurso que motivou o interesse pelo tema e fundamentou a construção desta pesquisa. As reflexões aqui desenvolvidas resultam de um processo contínuo de amadurecimento intelectual iniciado na graduação em Ciências Sociais, ao longo da qual foram sendo aprofundadas inquietações relacionadas às formas de produção do espaço, às dinâmicas de silenciamento da memória e às disputas simbólicas no território urbano.

A busca e a sistematização dos registros sobre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário exigiram não apenas um esforço investigativo, mas também uma sólida apropriação de referenciais teóricos, especialmente no campo da antropologia. Conceitos como memória social, identidade, patrimônio e territorialidade foram fundamentais para a formulação de um olhar crítico capaz de apreender as múltiplas camadas de sentido inscritas — e, por vezes, apagadas — na paisagem urbana.

Nesse sentido, a presente pesquisa se estrutura a partir de um percurso formativo que aliou investigação empírica e aprofundamento teórico, com o objetivo de consolidar um estudo que contribua para o reconhecimento de memórias historicamente marginalizadas. O trabalho que se segue, portanto, é resultado de uma construção metodológica e epistemológica comprometida com a visibilização de sujeitos e narrativas frequentemente excluídos das representações oficiais da história urbana.

A partir dos conceitos de identidade e cultura, foi possível aprofundar a reflexão sobre a cidade de Viçosa. Essa análise esteve atravessada pela trajetória pessoal da autora e pesquisadora — natural da cidade, moradora da periferia e inserida no contexto universitário —, que vivenciou de forma concreta a existência de uma linha divisória invisível entre esses dois mundos. Tal vivência, ao mesmo tempo em que enriqueceu a pesquisa com um olhar situado, exigiu atenção redobrada quanto ao distanciamento necessário em relação ao objeto de estudo.

A separação entre a cidade e a Universidade, assim como entre "estudantes" e "nativos", constitui uma dinâmica social complexa e multifacetada, cujas implicações também se revelam diversas. A presença da Universidade Federal de Viçosa (UFV), que atrai estudantes de diferentes regiões do Brasil e até do exterior, contribui para uma divisão espacial e social: os estudantes concentram-se majoritariamente em áreas

centrais, enquanto a população nativa, em grande parte, permanece nas periferias. Essa configuração revela tensões e contrastes que vão além do espaço físico, permeando as relações cotidianas e a construção de pertencimentos.

Nos termos de Silva (2014, p. 100):

A região central da cidade, principalmente o bairro de Ramos e Centro, destacando a Av. PH Rolfs e Av. Santa Rita, é a área mais verticalizada e mais densamente povoada. A paisagem é marcada pela grande quantidade de edifícios, a maior parte de uso misto (residenciais e comerciais). São também os locais mais bem dotados de infraestrutura, mesmo que a qualidade dos mesmos seja questionável, e serviços urbanos, como escolas, hospitais e edifícios de escritórios e grande parte do comércio da cidade. A população que habita a área é de alta e média renda, além de ser o local onde há a maior concentração de repúblicas de estudantes, o que contribui para a alta densidade populacional. O núcleo inicial de formação da cidade encontra-se incluído no bairro - Centro.

Além de tratar dos motivos da segregação, Silva (2014) aponta também para o histórico da mesma, sendo sua análise muito pertinente no tocante à pesquisa aqui apresentada. Segundo a autora:

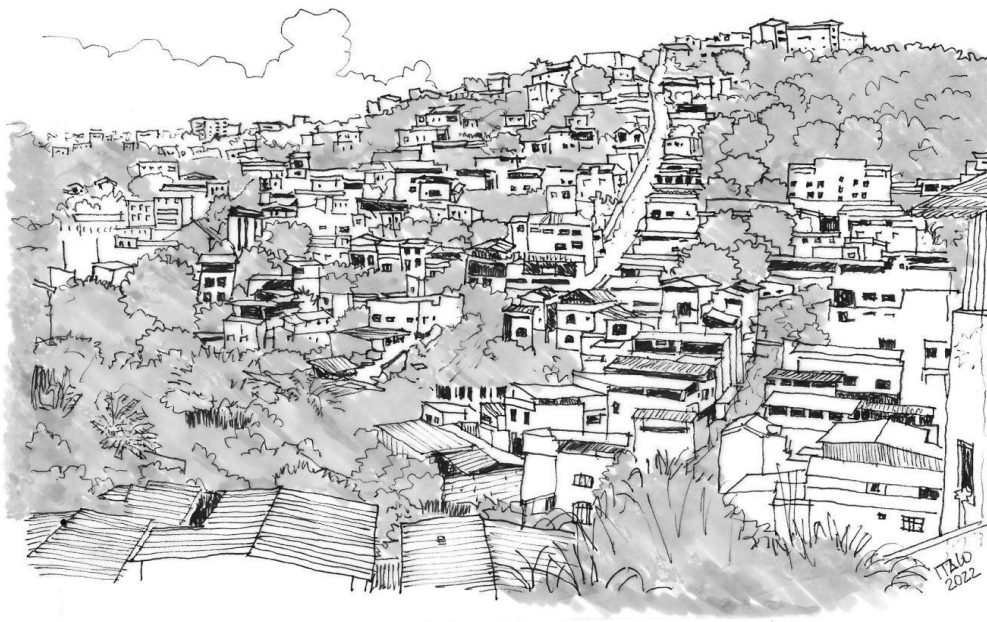
O fenômeno de moradias de aluguel para estudantes vai se ampliar no final da década de 1980, vinculado ao aumento das matrículas da universidade e a diminuição de vagas nos alojamentos da universidade. Um marco desse processo foi a construção de quatro edifícios localizados na Avenida PH. Rolfs, entre os anos de 1988 e 1996, com vista para a Universidade. Esses edifícios, mesmo que não projetados para as necessidades do mercado estudantil, contando com apartamentos mais amplos de dois e três quartos, foram ocupados por esse público, o que acarretaria mais tarde numa forma específica de mercadoria. (SILVA, 2014, p. 77).

Figura 1 – Quatro Pilastras da UFRV



Fonte: Stephan (2022a).

Figura 2 – Periferia de Viçosa



Fonte: Stephan (2022b).

As cidades brasileiras são frequentemente marcadas por uma mistura de elementos culturais, sociais e rituais que contribuem para sua identidade única. Segundo DaMatta (2011), a vida nas cidades não se trata apenas uma questão de infraestrutura e planejamento, mas também de significados e símbolos compartilhados que moldam a experiência urbana.

Em seu mais recente livro, “Direito à Cidade: Uma Abordagem Interdisciplinar” (2023), a arquiteta e urbanista Joyce Berth, no capítulo intitulado “o urbanismo daltônico: quem vê território não vê raça?” enfatiza a forma como a questão racial atravessa as formas como as cidades são organizadas. Como escreve:

A cidade tem cor. Ou melhor, cores. Uma vez que a colonialidade se estabeleceu e categorizou pessoas. Formando identidades e usando nossas diferenças biológicas, sexuais, fenotípicas etc. para fins de organização social hierárquica, o território se apresenta como cenário fiel dessas representações. Afinal, as construções elencadas pela modernidade tinham (e ainda têm) um propósito: preparar uma sociedade onde se possa organizar as diferenças naturais entre seres humanos para a fundação de uma cadeia de privilégios sociais (BERTH, 2023, p.115).

A segregação socioespacial observada na estrutura urbana, caracterizada pela

concentração de grupos de maior poder aquisitivo e população flutuante (como estudantes universitários) nas áreas centrais, e de populações de menor renda e nativas nas zonas periféricas, não se manifesta apenas pela divisão de classes, mas é profundamente marcada por um recorte étnico-racial.

No contexto brasileiro, essa disparidade espacial reflete o legado histórico e estrutural do racismo, que determina o acesso a direitos e a bens urbanos. Tal intersecção é fundamental para a análise da produção do espaço.

Conforme argumenta o geógrafo e estudioso da temática urbana Reinaldo José de Oliveira, a segregação se manifesta em múltiplas dimensões, sendo a racial uma delas:

"A segregação racial garante aos homens e mulheres negras os menores rendimentos e as últimas posições do quadro socioeconômico e político." (OLIVEIRA, 2023, p. 5)

Dessa forma, a disposição espacial da população por renda na cidade é indissociável da distribuição por raça, localizando a população negra majoritariamente nas áreas que historicamente carecem de infraestrutura e investimento social.

Assim, ao compreender a demolição da Igreja do Rosário de Viçosa, mais detidamente se examinando como se deu a perda desse patrimônio histórico, podemos identificar uma interferência no sentimento de pertencimento das comunidades locais com a área central da cidade. Para isso, fez-se necessário revisitar e recontextualizar os autores da historiografia que há muito exploram o tema da memória e do silenciamento dos grupos marginalizados.

Lançando um olhar atento sobre as comunidades afrodescendentes que, por séculos, encontraram nas Igrejas do Rosário em diversos lugares de Minas e do Brasil, um refúgio para suas tradições, espiritualidade e identidade, a memória dessas comunidades foi essencialmente importante para este estudo. Tendo isto em vista, foi possível especular sobre como, no processo histórico de formação da paisagem de Viçosa relatado nas bibliografias oficiais, há um silenciamento acerca da presença negra e originária² no local. Fato que permitiu levantar a hipótese de que o processo de desenvolvimento da cidade estaria ligado a aspectos de ordem econômica, e que o apagamento da memória sobre a história da Igreja de Nossa Senhora do Rosário –

² Segundo a historiadora Maria do Carmo, a população originária do Local era composta principalmente por indígenas da etnia Puri.

santa de devoção dos povos negros desde o período da escravidão – não tivesse como único responsável o mero acaso.

Todavia, esse “esquecimento” traz à tona a necessidade de se repensar a formação da cidade e os discursos sobre essa construção. Assim, a realização desse trabalho – que aglutina em um só lugar a fundamentação teórico-conceitual necessária para releitura e crítica historiográfica desse lugar – desvela as disputas que são travadas no processo de composição da memória, que por vezes contribui para a paisagem atual de Viçosa.

Nesse sentido, a pesquisa propõe-se a examinar o que se tem documentado acerca da história da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e produzir, através de pesquisa documental (GIL, 2008) em jornais locais, redes sociais, documentos e arquivos históricos, alguma contribuição em material escrito que reúna, descreva e analise o material encontrado.

Espera-se que esse repositório de informações – isto é, um registro permanente – ofereça um norte de pesquisa para estudantes, historiadores, professores e todas as pessoas que têm curiosidade sobre a pouco conhecida história da Igreja do Rosário, quiçá, tornando-se ferramenta que contribua para a construção do senso de identidade de parcela significativa da população viçosense, sobretudo, da população afrodescendente.

No debate sobre o caráter identitário vinculado à memória social, esta pesquisa propõe uma reflexão crítica sobre o patrimônio material da cidade de Viçosa, a memória coletiva e a identidade negra. Esses elementos são sustentados por uma base teórica construída ao longo do curso, sendo essencial para compreender a realidade em sua complexidade. Como nos ensina Milton Santos, o espaço não é apenas um cenário passivo onde ocorrem os fenômenos sociais, mas sim uma construção histórica e social. Em suas palavras, “o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2002, p. 63), o que significa que ele é produzido continuamente pelas práticas sociais, técnicas e relações de poder.

A memória coletiva é um dos pilares fundamentais da construção da identidade de um grupo social. Ela está intimamente ligada ao patrimônio cultural, que não se resume a objetos e monumentos físicos, mas inclui também práticas, narrativas e experiências que moldam a percepção do passado. No entanto, como aponta Santos, o espaço é também lugar de conflitos e disputas simbólicas, nas quais certas

memórias são legitimadas enquanto outras são silenciadas.

Nesse contexto, a valorização ou o apagamento de patrimônios ligados à população negra em Viçosa revela relações desiguais de poder que se expressam tanto na organização do espaço urbano quanto nas representações sociais que dele fazem parte. A teoria de Milton Santos contribui para entender como essas desigualdades se materializam e como o espaço pode ser ao mesmo tempo opressor e lugar de resistência.

Assim, articular teoria e vivência cotidiana permite à pesquisa não apenas descrever a realidade, mas interpretá-la criticamente, contribuindo para a construção de um conhecimento comprometido com a justiça social e o reconhecimento das identidades historicamente marginalizadas.

O historiador Michael Pollak, renomado por suas contribuições para a compreensão da memória social, destacou a importância das memórias individuais e coletivas na construção da história. Ele argumenta que o silenciamento e a marginalização de certos grupos são frequentemente refletidos na forma como suas histórias são omitidas ou distorcidas nos discursos históricos dominantes. Isso cria um desequilíbrio no patrimônio cultural, perpetuando a exclusão e reforçando a desigualdade.

Os grupos marginalizados, sejam eles étnicos, culturais, sociais ou de qualquer outra natureza, muitas vezes enfrentam o silenciamento de suas experiências e contribuições para a sociedade. Suas histórias podem ser apagadas ou minimizadas nos registros históricos, museus e na educação. Esse processo não apenas nega a esses grupos o reconhecimento que merecem, mas também distorce a compreensão da sociedade acerca da história e do patrimônio cultural de forma geral.

O antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot, no prefácio do livro “Silenciando o passado: o poder e a produção da história” (2016), disserta sobre a relação entre “história e poder” partindo da dicotomia entre *história como fatos* e *história como uma narrativa*. O autor discorre sobre o que chama de tendências historiográficas inconciliáveis, isto é, a corrente positivista, que seria a distinção do mundo/processo histórico e aquilo que é dito ou escrito sobre ele, e da sobreposição de um sobre outro (corrente construtivista). Trouillot alerta sobre como essas tendências reforçam a fronteira cronológica e problematiza como isso tende a colocar a história como um passado a ser revelado tornando a questão central discutida pelo autor – o poder – irrelevante.

Na análise de Trouillot sobre a relação entre a história e o poder, ele argumenta que na disputa pelo poder, geralmente apenas um dos lados é capaz de dominar a narrativa histórica. Em outras palavras, para Trouillot, a história não se resume apenas à narrativa ou aos fatos, como concebido por algumas abordagens construtivistas e positivistas. Em vez disso, ele enfatiza que a história é formada pela interação complexa entre a narrativa e os eventos reais. A narrativa não é apenas uma representação neutra dos fatos, mas desempenha um papel fundamental na construção do que é considerado história, muitas vezes refletindo as perspectivas e interesses de quem detém o poder para moldar essa narrativa de acordo com seus próprios objetivos e visões.

O livro ressalta como as muitas formas de produção de narrativas históricas se dão envolvem a desigual contribuição de grupos e pessoas concorrentes, que têm acesso desigual aos meios dessa produção. Constatação essa que vai de encontro com a pesquisa sobre a história da Igreja do Rosário de Viçosa, cujo grupo colocado em destaque neste trabalho – os moradores e devotos do distrito de São José do Triunfo, onde hoje é realizada a festa de Nossa Senhora do Rosário – seriam justamente aqueles que, na disputa pela construção de uma narrativa sobre a igreja e sua história, figuram como margem nesse processo.

Apontando esse campo de forças e disputas, e considerando que “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 4), as consequências da ausência da igreja, assim como a mudança do local de realização da festa do Rosário do centro para a periferia da cidade interferiu sobre a identidade dos nativos, uma vez que “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (POLLAK, 1992, p. 204).

Trouillot (2016) é propositivo sobre a indagação que devemos fazer sobre como a história funciona. Ou seja, chama a atenção sobre como se deve ter em vista a forma, os processos e as produções da narrativa histórica. Assim, o antropólogo aponta para a relevância da concepção da história como poder, visto que a produção de narrativas se dá de maneira desigual. Se a história é narrativa, só quem detém o poder a produz. E instiga os leitores quanto à percepção da história além dessa dicotomia constatada e reproduzida (sobreposição e distinção):

Também quero rejeitar tanto a proposição ingênua de que somos prisioneiros de nossos passados quanto a sugestão daninha de que a história é o que quer que fizemos dela. A história é fruto do poder, mas o próprio poder nunca é transparente a ponto de sua análise ser supérflua. A marca infalível do

poder pode bem ser sua invisibilidade; o desafio inescapável será expor suas raízes (TROUILLOT, 2016, p. 18).

Ainda dentro do debate acerca de Patrimônio, no texto “O patrimônio cultural e a construção imaginária nacional” publicado na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1994), o antropólogo Néstor García Canclini, sublinha como “os bens reunidos por cada sociedade na história não pertencem realmente a todos, ainda que formalmente pareçam ser de todos e estar disponíveis a todos” (CANCLINI, 1994, p. 11).

Canclini apresenta o movimento de reconceitualização³ que vivenciara, onde afirma que o patrimônio não inclui apenas a herança do povo, mas também bens culturais visíveis e invisíveis, incluindo a comunicação do que se considera apropriado através das indústrias culturais. Ampliou-se a política patrimonial de conservação e administração do que foi produzido no passado aos usos sociais que relacionam esses bens com as necessidades das majorias na contemporaneidade. E, por fim, em oposição a uma seletividade que privilegiava os bens culturais produzidos pelas classes hegemônicas, passou-se a reconhecer que o patrimônio de uma nação é composto também pelos produtos da cultura popular (p. ex., música indígena, textos de camponeses e operários passando pela preservação de bens materiais e simbólicos de todos os grupos sociais).

No caso aqui em tela, se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cujos devotos se constituem em sua maioria por sujeitos de grupos subalternizados, não foi preservada, seguindo Canclini (1994) e a exemplo desse movimento de reconceitualização, no entanto há diversos trabalhos que acompanham a festa de Nossa Senhora do Rosário em várias partes do país, inclusive em Viçosa. No caso específico de Viçosa, mesmo com a irreflexão e/ou desconhecimento a respeito da Igreja do Rosário, o nome da praça se manteve, assim como a festa do Rosário que persiste e já conta com alguns trabalhos produzidos por diferentes departamentos da universidade (SOUZA, 2014; MOURA, 2017; SOUTO, 2018). Ainda segundo Canclini (1994), a política cultural do patrimônio não tem como tarefa resgatar apenas objetos autênticos de uma sociedade, mas os que são culturalmente representativos. Nas palavras do antropólogo argentino:

Os processos interessam mais do que os objetos, porque representam certos

³ o movimento de reconceitualização na história representou uma mudança significativa na forma como os historiadores abordam e entendem o passado. Ele ampliou a visão da história, tornando-a mais abrangente, interdisciplinar e sensível às complexidades das estruturas e processos históricos.

modos de conceber e viver o mundo e a própria vida próprios de certos. O museu e qualquer política patrimonial devem tratar os objetos, os ofícios e os costumes de tal modo que tornem inteligíveis as relações entre eles, proponham hipóteses sobre seus significados para quem os vê hoje (CANCLINI, 1994, p. 1121).

Ao entrar no debate sobre paisagem, confronta-se com a argumentação proporcionada por Meneses (2002), acerca da polissemia do termo, e do risco de “desistoricização” desse conceito que, segundo ele, não é universal. O autor traz a discussão da historicidade da paisagem e como isso diz respeito aos seus usos.

Na época em que a Igreja do Rosário de Viçosa foi demolida, em 1965, o cenário político nacional foi marcado pelo recrudescimento na repressão aos movimentos populares e a qualquer organização política minimamente progressista. Este pode ser um dos motivos pelos quais não foram encontrados, ainda, quaisquer registros de resistência à demolição ou reivindicação da relevância histórica e cultural da construção por parte da população local perante o poder público.

Décadas após a transição do Regime Militar (1964-1985) ao reestabelecimento do regime democrático com a promulgação da Constituição Cidadã de 1988, os movimentos sociais conseguiram através da participação estratégica em diferentes níveis de governo, especialmente no federal, alcançar notáveis avanços no que diz respeito ao reconhecimento e conquista de direitos das populações negras e originárias no âmbito institucional. Entre os direitos alcançados se destacam a adoção de ações afirmativas como as cotas raciais no ensino superior e as leis que regulamentaram o ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas nas escolas.

Porém, além das próprias contradições, esse processo demonstrou grande fragilidade perante a reação de grupos cujos interesses e visão de mundo são opostas a tais avanços. Sendo assim, as condições se encontram novamente desfavoráveis para que o valor histórico e cultural da Igreja do Rosário seja reconhecido, mesmo mais de meio século após a sua demolição. Como afirma Meneses (2002, p. 61):

O turismo e a paisagem têm enorme e inegável potencial que se atualizam automaticamente. São hierarquias de interesses humanos e as estruturas dentro das quais eles se expressam e operam que definem as condições segundo as quais esse potencial poderá realizar-se ou, ao contrário, dar lugar a mais um instrumento de exclusão social e embotamento da consciência crítica.

Canclini (1994) aponta como saída para esse possível processo de exclusão e embotamento, que um patrimônio seja reformulado. Em suas palavras, que sejam

considerados “seus usos sociais a partir de uma visão mais complexa de como a sociedade se apropria de sua história” e de como esse patrimônio “pode abranger novos setores” (CANCLINI, 1994, p. 112). Segundo ele, o patrimônio cultural expressa solidariedade e une aqueles que compartilham práticas e bens que os identificam. Todavia, as atividades destinadas a defini-lo, preservá-lo e difundi-lo, ao sustentarem que a sociedade não está difundida em classes, ou que esses bens transcendem frações sociais, privam grupos de participação efetiva, desconsiderando que há em curso uma disputa, e, conseqüentemente, um apagamento.

O antropólogo argumenta ainda, sobre a necessidade do acesso a direitos básicos ante a qualquer mudança ao acesso e apropriação quanto a valorização dos bens simbólicos por uma parcela realmente considerável da população, principalmente da que tem historicamente direitos negligenciados. flexão que nos leva ao terceiro módulo: a cidadania. Se na democracia clássica, ser cidadão não se descolava da ideia de participar, de fato, da democracia (participação que se destinava a poucos), a noção moderna de cidadania está atrelada a pertencer a um sistema de direitos e deveres.

2. NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E A DEVOÇÃO NEGRA: UMA BREVE INTRODUÇÃO

*No tempo do cativoiro
Quando o senhor me batia
No tempo do cativoiro
Quando o senhor me batia
Eu gritava por Nossa Senhora, ai meu Deus
Quando a pancada doía
Eu gritava por Nossa Senhora, ai meu Deus
Quando a pancada doía*

Entoada da Banda de Congo Irmandade Nossa Senhora do Rosário, Congado São José do Triunfo, Viçosa.

Figura 3 – Coleta e esmolas para irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Rio Grande do Sul



Fonte: Jean Baptiste Debret (1828)⁴.

⁴ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jean_Baptiste_Debret_-_Coleta_de_esmolas_para_a_Igreja_do_Ros%C3%A1rio,_1828.jpg. Acesso em: 09 set. 2023.

Para compreender melhor as questões de memória e patrimônio relacionadas à antiga igreja de Nossa Senhora do Rosário, é importante apresentar um breve prelúdio sobre a associação histórica entre os povos negros escravizados e essa santa católica, representada como branca. Segundo Oliveira (2008) a apropriação do culto católico por parte dos negros, foi moldada e reconstruída com base na experiência do cativo e nas recordações das diferentes culturas africanas presentes na colônia portuguesa. Isso possibilitou novas recriações culturais emancipadas, fato esse observado nas irmandades de pretos presentes no Brasil colônia.

A partir de estudos sobre religiosidade e negritude, principalmente do antropólogo Roger Bastide, destaca-se que há certa divisão de grupos católicos na história do Brasil, “sendo a separação das capelas o símbolo da divisão dos dois catolicismos” (BASTIDE, 1971, p. 168) E que às igrejas do, chamado por ele, catolicismo negro, como é o caso das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário, marcavam não somente um lugar para propagação e manifestações de fé, mas também um lugar para entroncamento de confrarias e irmandades religiosas, tornando-se também lugar de celebrações e festejos (BASTIDE, 1971).

A busca pela origem e significado do culto à Nossa Senhora do Rosário, segundo Ênio Grigio (2016), remonta a diferentes épocas e contextos. O Rosário em si, se trata de um colar de contas, objeto comum não apenas entre católicos, mas também budistas, hindus e islâmicos. Seu nome é uma referência às coroas de rosas entregues às rainhas, nobres, deusas e divindades em algumas culturas. No culto católico, é como se cada oração representasse uma rosa e ao fim de cada rosário, uma coroa de rosas fosse entregue à Maria, mãe de Deus. Essas orações são divididas em quatro partes (terços) cada uma representando cinco “mistérios” que são passagens da Bíblia e retratam momentos da vida de Jesus Cristo.

O surgimento mais provável do uso do Rosário nas orações católicas data aproximadamente no ano 800 d.C. em mosteiros e conventos, quando ainda era chamado de “Saltério dos leigos”, uma vez que monges e frades rezavam os salmos enquanto os leigos, que não sabiam ler, rezavam cento e cinquenta Pai Nossos. Segundo a tradição, em 1214 a Virgem Maria apareceu ao frade dominicano São Domingos Gusmão na França, e entregou a ele o Rosário (ainda com o nome de “Saltério Angélico”) que deveria ser usado como ferramenta para conversão dos hereges e pecadores (GRIGIO, 2016).

As irmandades por sua vez, de acordo com Russel-Wood (2005), desenvolveram-se mais fortemente na Europa durante o século XII e XIII e foram fundamentais para o catolicismo no Brasil no século XIX. Carlos Moreira Azevedo (2000) aponta que é possível traçar suas origens nos colégios romanos (*Collegia*) e *Gildas* germânicas: associações de pessoas que exerciam a mesma profissão ou voltadas para o culto de determinada divindade, além de fazer obras de caridade, e na realização de festas.

Embora as formas de organização religiosa autônomas da população negra fossem inicialmente rejeitadas e rotuladas como "satânicas e imorais" pelo Clero e vistas com profunda desconfiança pelos colonizadores, revelando o medo das elites brancas frente à capacidade de auto-organização dos grupos subalternizados, a Igreja Católica logo buscou cooptar esse potencial. Estrategicamente, a hierarquia religiosa passou a criar suas próprias confrarias e irmandades, utilizando o culto a Nossa Senhora do Rosário que, segundo Lucilene Reginaldo (2005), era a padroeira das conquistas espirituais como uma ferramenta de controle e expansão da fé imperial.

Contudo, a história vista sob uma perspectiva decolonial revela a capacidade criativa e de resistência dos africanos e seus descendentes. Longe de serem meros receptores passivos, a população negra apropriou-se dessas irmandades forçadas. Elas foram ressignificadas para além da doutrinação: transformaram-se em núcleos de resistência cultural e política, servindo como espaços vitais para a reconstituição de laços de solidariedade perdidos na Diáspora, o auxílio mútuo em questões de doença e morte digna, e, crucialmente, como agências de alforria. Assim, o instrumento de conversão imposto pelo colonizador foi subvertido pela inteligência política negra em uma poderosa trincheira de preservação identitária e luta contra o regime escravista.

Segundo Rodrigues (1988, p. 32):

O culto de Nossa Senhora do Rosário tem sido sempre, desde tempos coloniais, confiado no Brasil aos negros, escravos ou mais tarde livres, e em particular aos negros bantos. Era desta confraria religiosa, deixada como partilha exclusiva aos negros, que os reis de Congo tiravam a sanção divina de sua investidura, como na licença dada pelas autoridades brancas à sua eleição iam buscar a sanção temporal do cargo. Em todo o caso, era por força da sua dignidade de juízes da festa de invocação do Rosário que os reis de Congo se investiam nas suas funções majestáticas e por ocasião dessas festas se elegiam e coroavam.

A devoção dos africanos e seus descendentes à Virgem do Rosário transcendeu a mera adesão espiritual, configurando-se como um ato estratégico de agência política e reconstrução identitária dentro da lógica colonial. Conforme demonstra Didier Lahon (2012), a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Lisboa, ao ser a primeira a admitir escravizados e libertos desde 1496, criou uma brecha institucional no sistema escravista.

Essa abertura foi rapidamente ressignificada pelos negros, que transformaram a instituição religiosa em um espaço de organização, auxílio mútuo e resistência concreta. O ápice dessa inversão de poder ocorreu em 1526, quando a Coroa permitiu que a mesa administrativa da Irmandade deliberasse sobre a alforria de membros escravizados, mesmo "contra a vontade do dono" (LAHON, 2012).

Essa prerrogativa não era vista pelos negros como caridade, mas como um direito conquistado por meio da organização coletiva e do capital social (e, muitas vezes, financeiro) da confraria. A reação dos membros brancos proprietários — que culminou na divisão da Irmandade e na criação da Confraria do Rosário dos Homens Pretos em 1565 — apenas reforça o fato de que os negros estavam subvertendo a função original da irmandade, colonizando o espaço do colonizador para fins de libertação e de manutenção de laços de solidariedade, essenciais à sobrevivência e à continuidade das culturas diaspóricas.

A compreensão do presente exige o reconhecimento de que a organização e a produção das territorialidades culturais dos povos excluídos em Viçosa estão intrinsecamente ligadas aos processos históricos que moldaram a fundação e o desenvolvimento da cidade. Contudo, as questões relativas à cultura e à identidade afro-brasileira — notadamente o silenciamento histórico da população negra no município — foram sistematicamente negligenciadas, minimizadas ou subestimadas pelo poder público. Essa omissão não é apenas um lapso; ela perpetua a subalternização. Torna-se imperativo, portanto, que essa temática seja analisada com a devida crítica e profundidade, reconhecendo sua relevância estrutural e a inegável influência cultural que a agência negra exerceu e continua a exercer na configuração da paisagem urbana local.

2.1. Os negros e sua influência na religião católico brasileira

Tendo em vista que os sujeitos negros são os principais protagonistas desta pesquisa, torna-se fundamental reconhecer que sua influência ultrapassa os limites tradicionais impostos pelo olhar eurocentrado, que frequentemente os reduz à esfera da arte, culinária ou música. Os afrodescendentes desempenharam e continuam a desempenhar papéis cruciais na construção de múltiplas dimensões da cultura brasileira, inclusive em campos historicamente apropriados pela colonialidade do poder, como a religião.

Nesse sentido, é imprescindível destacar a centralidade das populações negras no processo de enraizamento e expansão do catolicismo em território brasileiro. Longe de serem meros receptores passivos de uma fé imposta, essas populações reinterpretaram e ressignificaram práticas religiosas dentro de suas próprias cosmovisões, fundando ordens, confrarias e irmandades que elegiam santos protetores, como Nossa Senhora do Rosário — figura que passou a ocupar um papel simbólico importante na religiosidade afro-brasileira.

Como se verá adiante, em regiões como a Bahia e Minas Gerais, a presença negra foi não apenas decisiva para a difusão da religiosidade católica, mas também constituiu a base material e simbólica para a construção de templos e espaços de culto. Esses templos, hoje celebrados como patrimônio histórico, são marcas concretas da agência negra frente às estruturas coloniais, ainda que muitas vezes a memória de seus construtores tenha sido silenciada.

Ao discutir a presença negra na religiosidade brasileira, Lopes (2008, p. 81) evidencia como, já no século XVII, os negros não apenas participavam das festividades católicas, mas também introduziam suas expressões musicais e rituais nas ruas e fazendas, seja com instrumentos oriundos da África ou ali produzidos. Segundo o autor, embora tais expressões fossem em parte instrumentalizadas por senhores escravistas — que buscavam ostentar poder ou lucrar com apresentações musicais —, não se pode ignorar que essas práticas também revelavam estratégias de resistência, preservação e reinvenção cultural frente ao regime escravocrata e à imposição religiosa colonial.

Nesse contexto, é interessante salientar o fato descrito por Souza (2015, p. 116):

O ensino do catolicismo a todo africano escravizado era obrigação dos senhores, o que também serviu de caminho para a organização de novas comunidades negras, principalmente quando agrupadas em irmandades leigas de devoção a um determinado santo. [...] elas também foram um espaço de organização e construção de novas identidades. Os principais santos de devoção das irmandades de “homens pretos” eram Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito. Além de cuidar do culto do santo elas faziam o enterro dos irmãos mortos, mandavam rezar missas pelas suas almas e amparavam suas famílias caso elas não tivessem nenhum recurso (apud SOUZA; GUAISTI, 2018, p. 10).

Embora as irmandades religiosas em território brasileiro sejam frequentemente associadas a uma origem europeia medieval, é fundamental adotar uma perspectiva que reconheça o modo como essas instituições foram apropriadas, transformadas e dinamizadas pelas populações negras. As irmandades, estruturadas originalmente em torno dos pilares da devoção e da caridade — isto é, da propagação da doutrina católica e do auxílio mútuo entre seus membros —, sofreram reconfigurações importantes ao se entrelaçarem com a experiência negra no Brasil colonial.

Longe de apenas reproduzirem os modelos europeus, os negros escravizados e seus descendentes reconstituíram essas instituições a partir de suas próprias referências culturais, espirituais e formas de sociabilidade. Nesse processo, as irmandades passaram a funcionar não apenas como espaços de culto, mas também como territórios de solidariedade, resistência e preservação identitária frente à violência da escravidão e à marginalização imposta pela ordem colonial. Assim, as contribuições negras às irmandades não se limitam à participação, mas constituem parte essencial de sua reelaboração no contexto brasileiro, desafiando a ideia de um catolicismo passivamente assimilado. Nesse sentido, Mattos (2007) acrescenta o seguinte:

No Brasil, foram criadas várias irmandades por quase todo o território. Para que elas existissem, era necessária uma igreja própria ou “emprestada” — nesse caso, até que a irmandade pudesse construir a sua própria igreja, ela ocupava os altares laterais de igrejas dedicadas a outros santos. Para que tivesse um estatuto legal, era preciso um Compromisso (conjunto de direitos e deveres que deveriam ser seguidos pelos associados e a relação de cargos a serem ocupados), aprovado pelas autoridades eclesiásticas e pelo rei (MATTOS, 2007, p. 163).

Como observa Scarano (1978), no contexto das Minas Gerais do século XVIII, a religiosidade ocupava papel central em meio ao caos social provocado pela cobiça, pela exploração e pela violência estrutural do regime colonial. Ainda que os senhores da terra e do ouro praticassem constantes barbáries, mantinham-se apegados à crença no céu e no inferno, no Cristo e na Virgem — reafirmando, assim, o papel da

fé como elemento de coesão e legitimação da ordem vigente.

No entanto, ao deslocarmos o olhar para além das elites, percebemos que a presença da fé no cotidiano colonial foi profundamente marcada pela contribuição das populações negras. Esses sujeitos, arrancados de seus territórios e submetidos a um sistema brutal de desumanização, não apenas adotaram elementos do catolicismo, mas os ressignificaram, entrelaçando-os com suas cosmologias e práticas ancestrais. É nesse contexto que emerge uma religiosidade afro-brasileira potente, criadora de sentidos, espaços e formas próprias de devoção.

Assim, não é por acaso que muitos dos santos mais populares no Brasil — como Santo Antônio, São Jorge, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário — estejam profundamente vinculados às práticas devocionais dos negros e negras desde o século XVIII. Essa centralidade evidencia não apenas a influência negra na formação da religiosidade brasileira, mas também a capacidade de resistência simbólica e espiritual frente ao projeto colonizador, cujas contradições continuam ecoando até os dias de hoje. (RAMOS, 1938, p. 47 apud SCARANO, 1978, p. 51-52).

Mattos (2007) acrescenta que:

As irmandades compostas por negros, escravos e libertos eram de grande importância social para a manutenção de relações de solidariedade entre seus membros e para a tentativa de amenizar as agruras do sistema escravista. A maior parte delas tinha devoção por santos negros, como Santo Elesbão, Santa Efigênia e São Benedito. A mais popular entre elas era a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Além da cor da pele, os irmãos, como eram chamados os associados às irmandades, levavam em conta na escolha do santo a sua origem e as dificuldades enfrentadas, incentivados também pelos missionários das ordens religiosas, que propagaram o culto aos santos negros para os escravos (MATTOS, 2007, p. 164-165).

Aliás, há de se observar um aspecto importante sobre as irmandades negras. De acordo com Regis (2013, p. 9), as irmandades negras fundadas na América colonizada pelos portugueses surgiram num contexto em que os senhores não apenas escravizavam os negros, mas também acreditavam piamente na possibilidade de conversão e devoção dos escravos à religião católica, ainda que sob o risco de uma rebelião e tentativas de conspiração. Desse modo, ainda que receosos de uma rebelião por parte dos escravos, os senhores, por sua vez, consentiam em que eles integrassem irmandades porque lhes era conveniente que os cativos tivessem espírito grato. Nesse contexto de escravidão e irmandade, muitos africanos, bem como seus descendentes nascidos no Brasil, aceitaram a adesão ao catolicismo. Contudo,

continuaram a cultuar e preservar suas tradições africanas. Logo, as irmandades negras contribuíram também para a preservação dessas tradições.

Simoni e Messias (2019), ao discorrerem a respeito das irmandades surgidas no contexto escravagista do Brasil colonial observam que, dentre as irmandades que mais se destacaram no território brasileiro foram aquelas em devoção a Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Elesbão e São Bento. Entretanto, em se tratando de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, alguns pesquisadores, por sua vez, apontam que a mesma tenha surgido em Portugal fundada pelos dominicanos. Assim sendo, “a palavra Rosário quer dizer um buquê de rosas que se oferece a Nossa Senhora” (SIMONI; MESSIAS, 2019, p. 306).

Para Reis (1996, p. 4) as irmandades ou confrarias se dedicavam exclusivamente à devoção de santos católicos. Além disso, funcionavam também como sociedades de ajuda mútua. Os associados a tais movimentos contribuíam de várias formas, ou seja, tanto mediante a taxas anuais, como também com a doação de joias. E assim, recebiam ajuda em casos de doença, quando presos, famintos ou, em último caso, quando da necessidade de assistência funerária. De outro modo:

[...] uma das principais funções das irmandades era proporcionar aos associados funerais solenes, com acompanhamento dos irmãos vivos, sepultamento dentro das capelas e missas fúnebres. Os dirigentes máximos das irmandades eram chamados juízes, provedores ou outros termos que variavam regionalmente. Os escrivães e tesoureiros também detinham grande poder. Eram esses os principais cargos da mesa, como se chamava o corpo dirigente das irmandades. Outros membros se encarregavam da organização de festas e funerais, coleta de esmolas, assistência aos doentes, administração da capela e do culto divino (REIS, 1996, p. 4).

Moura (2017, p. 12), ao falar a respeito da influência das irmandades e confrarias no território brasileiro, observa que as mesmas se fizeram muito presentes, sobretudo, no estado de Minas Gerais. Em razão disso, há de se observar que até os dias atuais, a Zona da Mata Mineira é uma região onde a presença de Congados usufrui de expressivo reconhecimento na sociedade. Inclusive, existe um circuito de Festas de Nossa Senhora do Rosário, no qual alguns Congados articulam festividades em cidades diferentes a cada fim de semana.

Mattos (2007) acrescenta um fato interessante, pois embora as irmandades e confrarias tivessem influência europeia na perspectiva de catequese católica, mesmo assim os escravos obtiveram êxito no sentido de criar associações voltadas para o cultivo de suas respectivas culturas. Ambientes nos quais eles dispunham de certa facilidade para manter contato com seus companheiros e irmãos de cor e condição

social. Além disso, a exemplo do fato já mencionado, as irmandades tiveram grande importância social para a causa negra no contexto escravista. Ou seja, ofereciam assistência, ajudavam em momentos de dificuldade financeira, proporcionavam sepultamento digno e, acima de tudo, colaborava com a compra de alforria (MATTOS, 2007, p. 165).

Ao falar sobre a importância das irmandades para o bem-estar dos negros Moura (2017) acrescenta as seguintes ponderações:

As confrarias eram organizações muito importantes às pessoas negras, para além de expressar sua religião, sua cultura e identidade. Organizavam-se através das confrarias na busca de uma liberdade de uma forma mais rápida, além do exercício de certo poder, mesmo que passageiro, a certas pessoas nomeadas reis e rainhas. E foi também através da confraria que seus participantes garantiam sepulturas e enterros adequados (MOURA, 2017, p. 18).

Para compreender com a devida seriedade a complexidade do tema, é necessário reconhecer que, embora as irmandades religiosas estivessem formalmente vinculadas à devoção católica e tenham, em certa medida, oferecido espaços de sociabilidade aos negros, sua atuação se deu dentro de um contexto profundamente marcado por tensões coloniais. Os obstáculos enfrentados pelos africanos recém-chegados ao Brasil eram numerosos, sendo a barreira linguística um dos principais entraves à adaptação cultural. Como observa Regis (2013, p. 9), a transmissão da cultura cristã — neste caso, católica — ocorria prioritariamente por meio da oralidade, através da ação de evangelizadores e catequizadores, exigindo dos cativos o aprendizado da língua imposta pelo colonizador.

Contudo, mesmo nesse ambiente hostil e controlado por estruturas de poder colonial, as irmandades conferiram aos negros uma relativa margem de autonomia. Essas associações religiosas tornaram-se espaços fundamentais onde seus membros, por meio de festas, assembleias, eleições, rituais fúnebres, missas e práticas de assistência mútua, construía identidades sociais e vínculos de pertencimento. Ainda que inseridas em um sistema opressor, as irmandades funcionaram como verdadeiras "famílias rituais", conforme aponta Reis (1996), propiciando um ambiente no qual africanos desenraizados de suas terras podiam viver e morrer com dignidade e solidariedade.

Importa ressaltar que, embora as irmandades tenham sido inicialmente pensadas pelos brancos como mecanismos de domesticação e controle espiritual dos africanos, subordinando-os à religião dos senhores portugueses, o que se viu na

prática foi uma reapropriação desses espaços por parte dos negros. As irmandades foram convertidas em instrumentos de afirmação identitária e resistência simbólica, revelando uma profunda capacidade de negociação cultural e subversão silenciosa das estratégias coloniais (REIS, 1996).

Nesse sentido, Regis (2013, p. 14) escreve:

Para os escravos, as irmandades representavam uma cultura católica absorvida e ressignificada. Com isso, cada irmandade escolhia um santo protetor específico, criando assim uma série de práticas de devoção daqueles santos, como o calendário de festas. Ao mesmo tempo as tradições espirituais da África também eram trazidas para o interior das irmandades, como rituais religiosos e influências culturais, que vão de expressões de línguas bantu, a culinária e manifestações culturais. As práticas culturais africanas eram integradas no ambiente vivido nas irmandades católicas, o vocabulário inserido nos postos da irmandade, como vimos acima, as festas inseridas nas festas do calendário católico oficial.

As irmandades religiosas desempenharam um papel essencial na reconfiguração dos laços sociais e culturais entre os africanos e seus descendentes no Brasil colonial. Mais do que espaços de culto, essas instituições funcionaram como núcleos de recomposição simbólica de laços familiares, severamente desmantelados pela violência da escravidão. Ao possibilitarem o reencontro entre “irmãos de cor” e “parentes de nação”, as irmandades se tornaram territórios de reconstrução afetiva e identitária. Como destaca Mattos (2007, p. 170), ainda que a escravidão e a diáspora africana tenham impossibilitado a continuidade das estruturas familiares tradicionais, não conseguiram anular as experiências religiosas e os modos próprios de organização social das populações africanas. Ao contrário, tais experiências se expressaram com vigor na fundação de diversas irmandades ao longo do período colonial, apesar das restrições de participação impostas por critérios étnico-raciais e de antiguidade.

O historiador João José Reis (1996) ilustra essa dinâmica ao analisar a Irmandade do Rosário dos Pretos da Igreja da Conceição da Praia, em Salvador, fundada em 1686. Nessa irmandade, a participação era aberta a diferentes grupos — angolas, crioulos, brancos e mulatos —, mas apenas os dois primeiros tinham acesso aos cargos de direção. Essa política interna se repetia em outras confrarias, como a Irmandade de Santo Antônio de Categeró (1699) e a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos das Portas do Carmo (1685), que apesar de contarem com membros de origens diversas — crioulos, jejes, angolas —, reservavam os cargos de comando aos angolanos e crioulos mais antigos na comunidade. Tais regras, embora baseadas em critérios internos, também refletiam as hierarquias herdadas do sistema colonial e

as disputas por reconhecimento dentro da própria diáspora.

Essa prática organizacional, contudo, deve ser compreendida como uma forma ativa de construção identitária frente à desumanização imposta pelo colonialismo. Como nos lembra Kabengele Munanga (2004), a identidade negra no Brasil é marcada por um processo contínuo de reinvenção, resistência e adaptação, em que os sujeitos afrodescendentes não apenas reagiram às estruturas opressoras, mas também criaram formas autônomas de organização social, espiritual e simbólica. As irmandades, nesse sentido, expressam uma dimensão daquilo que Munanga entende como resistência cultural, operando como estratégias de preservação de valores africanos e recriação de uma coletividade racializada em um espaço de violência e exclusão.

Ao mesmo tempo, como sublinha Lélia Gonzalez (1988), é preciso considerar que a experiência negra no Brasil está profundamente atravessada por um racismo estrutural que se disfarça sob o mito da democracia racial. As irmandades, mesmo sendo espaços de relativa autonomia, não estavam imunes às dinâmicas de exclusão e às hierarquias herdadas do sistema escravista. No entanto, ao se apropriarem desses espaços para desenvolver redes de solidariedade, lideranças internas e práticas espirituais enraizadas, os sujeitos negros subverteram, dentro do possível, a lógica da dominação colonial. Gonzalez nos convida a enxergar essas práticas como formas de insurgência cotidiana, em que o pertencimento étnico-racial não se apaga, mas se fortalece, inclusive no campo da religiosidade.

Assim, as irmandades não foram meros instrumentos a seus usos, como desejavam os senhores coloniais, mas se transformaram ao longo do tempo em estruturas vivas de elaboração coletiva, reinvenção da ancestralidade e resistência simbólica diante da violência do projeto colonial.

Figura 4 – Homenagem à Nossa Senhora do Rosário dos Pretos na Bahia



Figura 5 – Cortejo de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo, Viçosa



Fonte: Festa de Nossa Senhora do Rosário no próximo dia 16 - Folha da Mata

Figura 6 – Programação da Festa de Nossa Senhora do Rosário em Viçosa. 2022

FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - 2022
SÃO JOSÉ DO TRIUNFO

A comunidade, juntamente com o Rei Juca Lourenço e a Rainha Marita Batalha Freitas, querem homenagear Nossa Senhora, promovendo a tradicional **FESTA DO ROSÁRIO** no dia 16 de Outubro de 2022. Por isso, convidam você e sua família para tomarem parte dos festejos e ao mesmo tempo pedirem as bênçãos da nossa querida Mãe de Deus

PROGRAMAÇÃO

TEMA: SENHORA DO ROSÁRIO, AJUDA-NOS A PROMOVER UMA ESCUTA E DIÁLOGO MAIS HUMANO E SOLIDÁRIO.

DIA 07 DE OUTUBRO - SEXTA - FEIRA
19h30min - Celebração eucarística e abertura da novena com apresentação da banda de CONGADO

DIA 15 DE OUTUBRO - SÁBADO
19h30min - Encerramento da novena com celebração. Em seguida, o CONGADO fará os ritos da festa em frente à Igreja com o levantamento de mastro, com a participação do mordomo do mastro Avelino Mário Lopes e a alfêres da bandeira Ana Luiza Miranda dos Santos, em seguida haverá caminhada até a residência da Rainha no Sítio São José.


16 DE OUTUBRO - DOMINGO
04h - Alvorada festiva, apresentada pela banda do CONGADO percorrendo as ruas da comunidade.
11h - Saída da banda de CONGADO juntamente com o reinado, à Rua São Lourenço 243 para a residência do Rei e da Rainha.
14h - Caminhada saindo da residência do Rei e da Rainha do Sítio São José.
16h - Missa festiva com a coroação do novo Rei, Rainha, Príncipe e Princesa. Após a Celebração Eucarística haverá dança do CONGADO em homenagem ao novo Reinado, percorrendo as principais ruas da Comunidade.

QUE A VIRGEM DO ROSÁRIO ABENÇOE A TODOS!

Rei - Juca Lourenço
Rainha - Marita Batalha Freitas
Príncipe - Gabriel Modesto de Paula
Princesa - Mariane Carlita Modesto Azevedo

CONSELHO COMUNITÁRIO DE PASTORAL DE SÃO JOSÉ DO TRIUNFO
PE. JOSÉ AFONSO LEMOS - PÁROCO
PARTICIPAÇÃO DO PADRE VANDERLEI SANTOS DE SOUSA
PADRE REDENTORISTA

Oração a Nossa Senhora do Rosário
Nossa senhora do Rosário, dai a todos os cristãos a graça de compreender a grandiosidade da devoção do Santo Rosário, na qual, à recitação da Ave Maria se junta a profunda meditação dos santos mistérios da vida, morte e ressurreição de Jesus, vosso Filho e nosso Redentor. São Domingos, apóstolo do Rosário, acompanhai-nos com a vossa bênção, na recitação do terço, para que, por meio desta devoção a Maria, cheguemos mais depressa a Jesus, e como na batalha de Lepanto, Nossa Senhora do Rosário nos leve a vitória em todas as lutas da vida; por seu Filho, Jesus Cristo, na Unidade do Pai e do Espírito Santo.
Amém.



Fonte: Acervo Pessoal.

Sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, espinha dorsal dessa pesquisa, segundo Simoni e Messias (2019) não há registro sobre o ano de criação da devoção à santa no Brasil. Contudo, sabe-se que foi trazida e introduzida na religiosidade brasileira pelos padres jesuítas. No ano de 1639, já constituíam a Confraria de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, formada exclusivamente por pretos. Destarte, em decorrência de perseguições da igreja, somente por volta de 1669 é que seu estatuto se tornou reconhecido. Assim, pode-se dizer que a irmandade nasceu dentro da Igreja de São Benedito, estando assim, ligada a ela por vários anos posteriores (SIMONI; MESSIAS, 2019, p. 306).

À medida que os anos se passavam o número de irmandades organizadas à

época aumentava em todo o território, sendo que dentre as irmandades que mais se destacaram em número por todo o Brasil eram as de devoção a Nossa Senhora do Rosário. Como observa Cruz (2007) mencionando Scarano e Borges (1976):

Julita Scarano e Célia Borges, estudando as irmandades do Rosário de Minas Gerais, identificam uma grande variedade de grupos africanos. Nestes levantamentos aparecem tanto grupos étnicos quanto de procedência. Julita Scarano mostra que nas irmandades mineiras predominam os minas e os nagôs. Em sua tese, Célia Borges apresenta um levantamento do livro de entrada de associados da irmandade de N. S. do Rosário, de Mariana. Entre os anos de 1750 e 1760, arrola um total de 283 entradas de irmãos “sudaneses” assim discriminados: 140 minas, sessenta couranas, sete cobus e um dagomé, erradamente incluído entre os bantos (CRUZ, 2007, p. 8).

Por fim, ainda refletindo sobre a influência da população negra na conformação da religiosidade católica brasileira, é fundamental destacar o papel histórico das irmandades e confrarias religiosas, especialmente no que se refere à construção e manutenção de igrejas. Segundo Chumbinho (2013), considerando sua forte presença no contexto da cultura mineira, sobretudo no século XVIII, essas organizações desempenharam um papel central na edificação e conservação de numerosas igrejas históricas, além de atuarem como grandes financiadoras da produção artística e cultural no período colonial. As ordens e irmandades não apenas organizaram a vida religiosa e comunitária dos fiéis, mas também contribuíram de forma inestimável para a vida intelectual e cultural de Minas Gerais.

Compreender essa atuação é essencial para interpretar a relação da população negra com os espaços religiosos, especialmente no caso de Viçosa. A antiga igreja localizada no centro da cidade não era apenas um templo de fé, mas também um lugar de pertencimento, organização social e resistência simbólica. A presença negra nesses espaços revela uma trajetória de participação ativa e agência histórica frequentemente esquecida pela narrativa oficial. Assim, reconhecer o papel das irmandades permite iluminar a profundidade dessa conexão e compreender como o espaço sagrado também se constitui como espaço de memória, identidade e luta por visibilidade.

3. A CIDADE EM DISPUTA: O PERTENCIMENTO NOS ESPAÇOS URBANOS

*Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!*

*- Loucura! - gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
- Mentira! - disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.*

Vinicius de Moraes, O operário em construção

A cidade de Viçosa teve seu início como um pequeno povoado durante o período colonial. Sua ocupação inicial esteve ligada à agricultura e à atividade pastoril, com a presença de fazendas e propriedades rurais. O povoado cresceu gradualmente ao longo dos anos, impulsionado principalmente pela expansão da agricultura.

Conseqüentemente, o processo de expansão e ocupação do espaço urbano da cidade, juntamente com as profundas transformações socioeconômicas observadas a partir da década de 1960, está intimamente ligado e é inseparável desse processo de federalização e da subsequente consolidação da UFV como um polo educacional crucial na região. A universidade, de fato, se tornou ponto chave da estruturação do município.

Como indica Silva (2014), é nessa mesma década que se amplia o processo de urbanização com o surgimento de bairros periféricos. Como é o caso inclusive do surgimento dos bairros que hoje abrigam as celebrações do Rosário, São João do Triunfo e Cachoeirinha, datados por divisão territorial em 31 de dezembro de 1963 (SILVA, 2014). Portanto, é nesse cenário que o espaço social onde a Igreja do Rosário se localizava passa a ser palco de maiores disputas, em que os diferentes grupos sociais, com seus diferentes interesses, agenciam significados e símbolos em busca de distinção e legitimidade cultural (BOURDIEU, 2007a; 2007b). Ainda segundo Bourdieu (1997), de acordo com sua teoria do campo, o espaço social é:

[...] um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desses espaços – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças (p. 57).

Bourdieu (2007a) analisa que o espaço social se configura como um campo simbólico, sobre o qual distintos grupos sociais negociam significados e disputam poder de forma oficial ou não. O processo de demolição do antigo templo em 1965 não apenas eliminou um marco arquitetônico, mas também desarticulou o território de sociabilidade e devoção da população negra, historicamente ligada ao culto do Rosário. Com a perda da edificação e o subsequente afastamento dos fiéis para as novas periferias, o centro da cidade foi redefinido. Pode-se afirmar que houve, e ainda persiste, um processo de apropriação seletiva do espaço antes ocupado pela Igreja e sua comunidade. O local, agora "vago" do ponto de vista da cultura negra, foi rapidamente ocupado por novos grupos sociais e usos (comerciais, públicos, de lazer), consolidando uma hierarquia espacial que relegou as expressões culturais e a identidade afro-brasileira para as margens da cidade.

Figura 8 – Aula de educação física - Campus ESAV – 1935



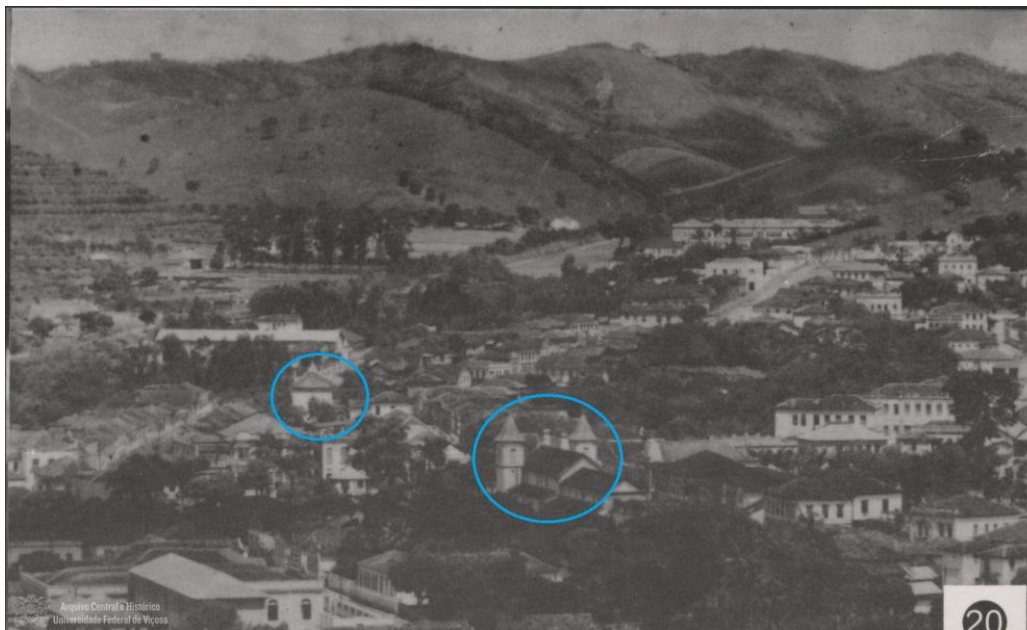
Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV.

Ao longo do século XX, Viçosa passou por um processo de urbanização e verticalização. Isso envolveu a expansão da infraestrutura urbana, como estradas, escolas e serviços públicos, bem como a construção de edifícios mais altos na região central da cidade. Segundo Silva (2014), o crescimento populacional e a demanda por moradias resultaram na expansão habitacional em Viçosa. Novos bairros e áreas residenciais foram desenvolvidos para acomodar a população em crescimento, incluindo estudantes e professores da instituição. Silva (2014) aponta que o crescimento da cidade se deu justamente em torno dos seus primeiros prédios religiosos. Nas palavras da pesquisadora:

[...]. Em 1851, iniciou-se a construção da velha matriz, ao lado da atual na Praça Silvano Brandão, impulsionando um ligeiro crescimento da cidade para além do núcleo inicial. É importante ressaltar que nesse período, a cidade cresceu em torno desses três patrimônios: a atual Paróquia Santa Rita de Cássia, a atual capela do Senhor dos Passos e a antiga Igreja do Rosário (que foi posteriormente demolida) (SILVA, 2014, p. 49).

Segundo ela, a ocupação do Largo do Rosário se deu “principalmente em decorrência do esgotamento dos lotes em volta da praça da matriz.” (SILVA, 2014, p. 49).

Figura 9 – Vista aérea da cidade de Viçosa - 1939, onde se vê à direita, a Igreja Matriz de Santa Rita, e a esquerda a Igreja do Rosário



Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV, *adaptado pela autora*.

A cidade é um palco de inúmeras narrativas e interações sociais, onde as dinâmicas de poder e os usos dos espaços urbanos muitas vezes se convergem e se contradizem. Segundo a arquiteta Joice Berth (2023), “a cidade é um campo de batalha, onde diferentes atores sociais competem por seu direito ao espaço e por sua voz na construção de seu significado” (p. 112).

Nessa conjuntura, citando o professor, sociólogo e urbanista Abdoumalig Simone, a arquiteta aponta que:

A ameaça de apagamento assume várias formas. Além dos dispositivos familiares de gentrificação e renovação urbana, o apagamento se dá, em parte, por uma visão cada vez mais difundida e institucionalizada da cidade como anacronismo, mas ao mesmo tempo, o “lugar próprio” para o morador negro ou o bairro negro existe como corpo residual; um corpo como anacronismo em processos “reais” de urbanização onde “usuários” urbanos não são entidades coerentes, mas campos mutantes de ações prováveis, conjuntos de dados, cálculos de risco, classificações de crédito, perfis genético e estilos de vida mutantes. Agora, as populações são menos definidas por atributos estáveis e diferenciados por meio dos quais as desigualdades relativas podem ser medidas do que pela natureza de sua conversibilidade e interoperabilidade (BERTH, 2023, p. 114).

Essa visão encontra ressonância na obra de Pierre Bourdieu, que enfatiza

como os espaços urbanos são carregados de significados simbólicos e econômicos. Bourdieu nos alerta sobre a luta pelo capital simbólico que ocorre nas cidades, onde grupos sociais diferentes tentam impor suas representações do espaço urbano como a mais legítima.

Nesse contexto de disputa, Roberto DaMatta (1997) acrescenta que “os usos dos espaços urbanos são uma manifestação concreta das relações de poder, onde o acesso e a apropriação desses espaços são reflexos das estruturas sociais subjacentes” (p. 22). Assim, a luta pelo espaço urbano não é apenas sobre a posse física, mas também sobre a reivindicação do direito de pertencimento e da possibilidade de influência na representação simbólica sobre esse espaço.

As cidades são, portanto, arenas complexas de conflito e negociação. Cada rua, praça ou bairro é moldado pelas tensões entre diferentes grupos e interesses. Os espaços urbanos são palimpsestos de histórias e identidades, onde o passado e o presente se entrelaçam em uma dança constante de significados.

Considerando as possibilidades de plataformas digitais de compartilhamento entre diferentes sujeitos sobre o patrimônio e à memória local, esta pesquisa se propõe a registrar as memórias associadas à antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário, partindo do reconhecimento de que as Igrejas de Nossa Senhora do Rosário, tradicionalmente vinculadas a população negra, cumpriam papéis que iam além do culto religioso, abrigando manifestações culturais de matriz africana e funcionando como espaços de sociabilidade, resistência e preservação de identidades.

Entendendo a demolição da Igreja do Rosário, mais do que uma simples decisão urbanística, mas como parte de um processo de higienização simbólica e física, voltado à exclusão de uma memória incômoda ao projeto de cidade dominante, se inscrevendo-a portanto em uma lógica mais ampla de reconfiguração da paisagem urbana que contribui para a marginalização histórica e espacial de sujeitos negros/as, ao deslocá-los não apenas dos espaços físicos centrais, mas também das narrativas oficiais que moldam a memória coletiva de Viçosa.

Em síntese, a negação do espaço central e o subsequente afastamento da comunidade negra configuram um objetivo sutil, mas profundo, de espoliação das lembranças e do direito à memória (BOSI, 1994). Tal processo define um dos mais cruéis exercícios da opressão colonial: a negação do direito de o sujeito afirmar-se como "ser" a partir de sua história e de suas territorialidades. Este é um mecanismo ativo de anulação de todas as formas de subjetivação e dos espaços de afirmação

identitária.

Neste contexto, o presente trabalho busca justamente compreender as particularidades socioespaciais de Viçosa (MG). A paisagem urbana, entendida como o resultado visível da ação humana e das relações de poder, é analisada como um campo de batalha onde se manifestam, simultaneamente, a apropriação simbólica e material do espaço, a criação de invisibilidades sobre a agência negra e a persistente luta pela afirmação da identidade e do saber afro-brasileiro. É por meio desta chave de leitura que a análise prosseguirá.

3.1. A Demolição

Embora a escassez ou o difícil acesso às fontes primárias limite a exploração das razões concretas para a demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário — conforme explicitado anteriormente —, é imperativo que o evento seja analisado à luz de teorias e conceitos da historiografia e dos estudos decoloniais. Dessa forma, é possível transcender a narrativa oficial e contextualizar o ocorrido como um sintoma das dinâmicas de poder e exclusão socioespacial presentes na época.

François Hartog (2017) em suas reflexões sobre o tempo e a memória, argumenta que as sociedades passam por mudanças que reconfiguram a relação com o passado. No caso da demolição da igreja, pode-se argumentar que as transformações urbanas e sociais que ocorreram em Viçosa durante a década de 1960 reconfiguraram a relação da comunidade com seu patrimônio histórico. O desenvolvimento urbano e as mudanças na paisagem da cidade podem ter desvalorizado a igreja, levando à sua demolição.

A demolição ocorrida em 1965 é um evento complexo que pode ser compreendido através de diversas lentes teóricas e contextos históricos. A modernização urbana, as transformações sociais, o contexto político e as mudanças na relação com o passado desempenharam papéis significativos nesse processo.

Além das perspectivas teóricas de Hartog (2017) e Berth (2023), é importante considerar o contexto político da época. A Ditadura Militar, que estava em ascensão no Brasil na década de 1960, influenciou decisões políticas em todos os níveis, incluindo as relacionadas ao desenvolvimento urbano e à preservação do patrimônio. A demolição da igreja pode ter sido motivada por decisões políticas que priorizavam o progresso econômico em detrimento da preservação histórica.

Essa demolição refletiu sobre a interseção entre memória, esquecimento e transformação urbana. Pierre Nora, em seu trabalho sobre “Lugares de Memória” (*Les Lieux de Mémoire*, publicado entre 1984 e 1992) nos lembra da importância dos locais físicos na preservação da memória coletiva. A Igreja do Rosário, como um espaço de devoção afrodescendente, era um desses lugares que continham a memória viva da cidade. Sua demolição, no entanto, foi um ato que apagou um importante “lugar de memória”, marcando uma ruptura na relação da cidade com seu passado cultural e religioso.

Levando a análise do fato para a Sociologia, é interessante mencionar a reflexão de Émile Durkheim (1996) sobre a vida religiosa em que destaca a importância da coesão social e do senso de comunidade em uma sociedade, que na religião, entre outras coisas pode se objetivar em um objeto. Em outras palavras:

A força religiosa não é senão o sentimento que a coletividade inspira a seus membros, mas projetado fora das consciências que o experimentam e objetivado. Para se objetivar, ele se fixa num objeto que, assim, se torna sagrado; [...] (DURKHEIM, 1996, p. 238).

No bojo dessas reflexões, a demolição da Igreja do Rosário pode ser vista como um ato que fragmentou a solidariedade social em Viçosa, especialmente entre as comunidades afrodescendentes. Ou seja, a perda de um local de devoção e identidade cultural enfraqueceu os laços que uniam as pessoas em torno desse espaço compartilhado.

Figura 10 – Perfil da Igreja do Rosário



Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV⁵.

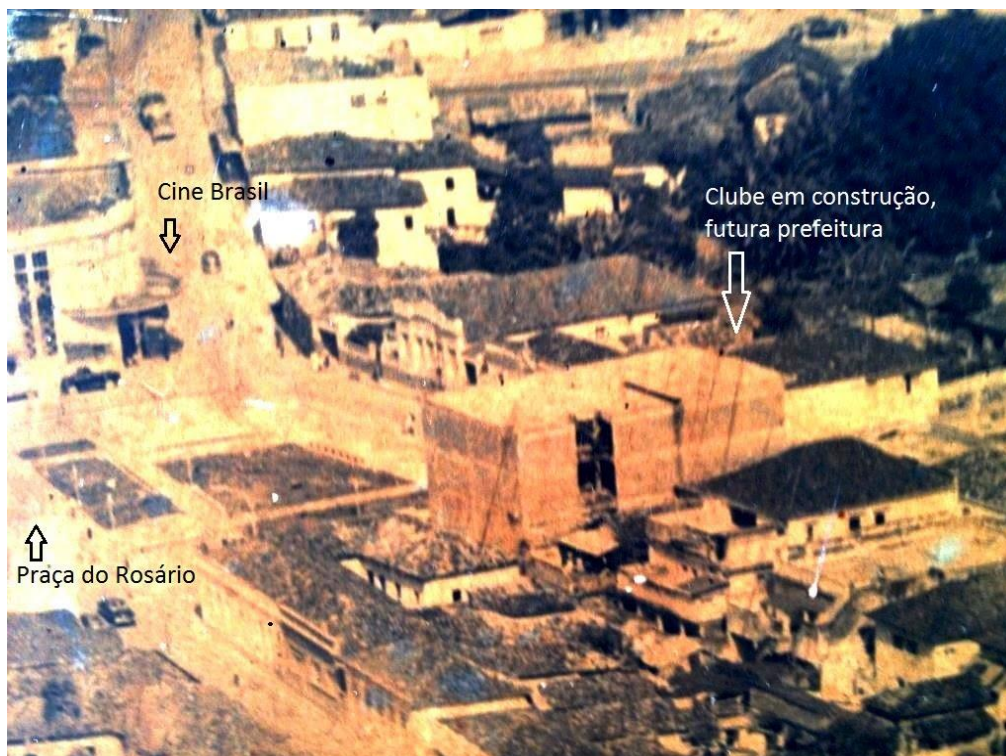
Figura 11 – Foto da demolição da Igreja



Fonte: Viçosa... (2019).

⁵ Foto retirada do arquivo da UFV, nele consta a seguinte nota: “A Igreja do Rosário era localizada no centro de Viçosa, foi demolida no início da década de 1960. O motivo, aparente, foi a reurbanização da cidade de Viçosa iniciada na década de 1950, o que levou a demolição da Igreja e das casas que à ladeavam dando origem à, hoje, conhecida como Praça do Rosário”.

Figura 12 – Imagem de 1968, com a igreja já demolida, há um planejamento de um clube ou hotel, espaço que na década de 90 foi ocupado pela prefeitura



Fonte: Stephan (2014).

Figura 13 – Praça do Rosário 2018, no local onde havia a igreja, se tomou abrigo para prefeitura



Fonte: Jomal Folha da Mata.

3.2 Entre Tradições e Espaços: a Festa do Rosário e a Festa de Santa Rita em Viçosa

Com a demolição da antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário, não apenas se perdeu um importante patrimônio arquitetônico e histórico da cidade de Viçosa, como também desapareceram as imagens sacras ligadas à devoção à Santa, afetando diretamente a prática religiosa e a memória coletiva das comunidades negras que historicamente a cultuavam. Diante dessa perda, o festejo em homenagem a Nossa Senhora do Rosário foi deslocado para o distrito de São José do Triunfo, onde atualmente é celebrado na Igreja de São José. Essa mudança espacial representa mais do que uma simples transferência de local: evidencia um processo de marginalização simbólica da religiosidade negra, que foi removida do centro urbano e relegada a áreas periféricas.

Em contraste, a Festa de Santa Rita de Cássia — tradicionalmente associada a uma devoção mais popular e branca — continua a ser realizada no centro da cidade de Viçosa, ocupando um espaço privilegiado tanto no território quanto na paisagem simbólica da cidade. Essa diferença espacial entre as festas não apenas revela hierarquias no campo religioso, mas também reflete as relações de poder que historicamente organizaram o espaço urbano, em que manifestações culturais ligadas à população negra foram gradualmente empurradas para as margens, tanto geográficas quanto sociais.

Essa disparidade na localização das festas religiosas reflete desigualdades históricas e culturais que persistem na sociedade. Ela sugere que a devoção à Santa de fé marcadamente negra — Nossa Senhora do Rosário — e a herança afro-brasileira não recebem o mesmo reconhecimento e destaque que outras tradições religiosas mais alinhadas ao imaginário branco-cristão. Isso pode ser interpretado como uma forma de marginalização simbólica, na medida em que a Festa do Rosário é deslocada para o distrito de São José do Triunfo, fora do centro urbano, enquanto a Festa de Santa Rita de Cássia permanece em posição central e goza de ampla visibilidade, tanto nas dinâmicas culturais quanto no espaço físico da cidade.

Como já apontava Milton Santos (1994), o espaço urbano não é neutro: ele é produzido socialmente e revela as contradições de uma sociedade desigual. Nesse sentido, o afastamento da Festa do Rosário do centro de Viçosa revela mais do que uma reorganização logística — trata-se de um reordenamento simbólico que

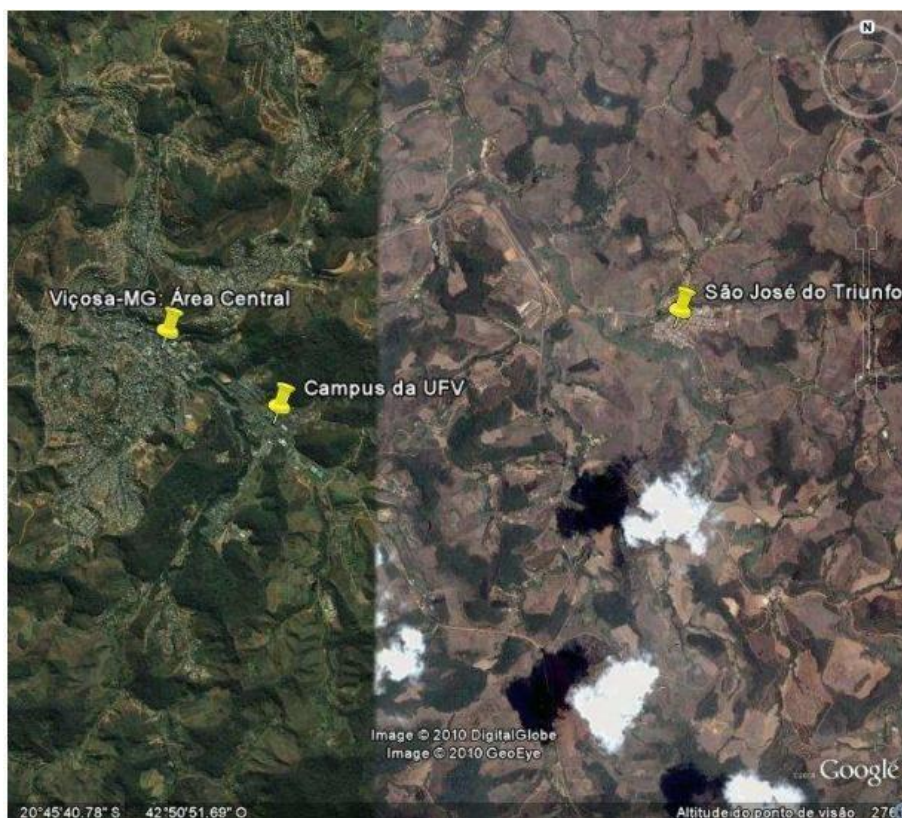
deslegitima determinadas formas de expressão religiosa e cultural vinculadas à população negra, mantendo-as nas margens tanto geográficas quanto políticas. O centro da cidade, enquanto lugar de prestígio e circulação, torna-se também um espaço de exclusão, onde apenas certas manifestações ganham visibilidade e valor.

Nascimento (1985) já alertava para o fato de que o apagamento dos territórios negros no Brasil é também um apagamento da memória, da história e das formas próprias de organização social e espiritual herdadas da diáspora africana. A perda da Igreja do Rosário e a subsequente transferência de sua festividade para uma zona periférica representam, portanto, não apenas uma perda material, mas um deslocamento profundo de sentidos, onde a população negra se vê privada do direito à centralidade — tanto física quanto simbólica — de suas referências identitárias.

Por sua vez, Moura (1988) enfatiza que a história do povo negro no Brasil é marcada por constantes estratégias de resistência diante da dominação racial e da exclusão sistêmica. Nesse cenário, as festas religiosas como a do Rosário devem ser compreendidas como práticas de resistência cultural e política, nas quais a memória coletiva se reinscreve e se atualiza, mesmo diante do apagamento institucional. O afastamento dessa festividade do centro urbano, portanto, não apaga seu significado — ao contrário, reitera a urgência de reconhecer sua importância e de confrontar os mecanismos que historicamente invisibilizaram a presença negra nos centros de decisão e representação cultural.

No município de Viçosa, o festejo em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, com o tradicional Congado ainda resiste, sendo realizado nos distritos de Cachoeira de Santa Cruz (popularmente conhecido como Cachoeirinha) e São José do Triunfo (chamado Fundão). No entanto, vale destacar que esses distritos estão geograficamente afastados do centro urbano, o que dificulta o acesso e reduz a visibilidade da celebração para o restante da população viçosense. Essa descentralização territorial contribui para o esvaziamento simbólico da Festa do Rosário, tornando sua presença menos marcante no imaginário coletivo da cidade. Como mostram as entrevistas realizadas por Sousa (2009) com moradores dessas localidades, o deslocamento para áreas periféricas não é apenas físico, mas reflete uma exclusão histórica e social que limita o alcance e o reconhecimento de manifestações culturais de matriz africana.

Fonte: Google Earth.



Reconhecer essas disparidades e seus efeitos no cotidiano da comunidade negra viçosense implica refletir criticamente sobre inclusão, igualdade e justiça espacial. Ao compreender o espaço como um campo de disputa, é possível lançar luz sobre os processos que ainda hoje excluem, silenciam ou secundarizam os legados africanos na formação das cidades brasileiras.

Figura 14 – Festa de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja São José



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 15 – Crianças da banda de Congado de São José do Triunfo



Fonte: Congado Fundão (2010).

Figura 16 – Crianças vestidas com traje de Santa Rita - Festa de Santa Rita em Viçosa



Fonte: Viçosa... (2019b).

Figura 17 – Procissão de Santa Rita, centro da cidade.



Fonte: Jomal Folha da Mata

4. LIDANDO COM AS FONTES: ESCOVANDO A HISTÓRIA A CONTRAPELO

*En Argentina, las locas de Plaza de Mayo serán
un ejemplo de salud mental
Porque ellas se negaron a olvidar
En los tiempos de la amnesia obligatoria.*

Eduardo Galeano, Derecho al delirio.

A proposta desta seção é refletir criticamente sobre os registros existentes acerca da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, localizados em diferentes fontes acessíveis na cidade de Viçosa — entre elas, o acervo do jornal *Folha da Mata*, o Arquivo Central e Histórico da UFV e conteúdos disponíveis em mídias sociais. O objetivo não é esgotar o tema, tarefa inviável dentro dos limites de um trabalho de mestrado, mas reunir e analisar parte desse material, de forma a compor um repositório inicial que possa orientar futuras investigações e contribuir para a valorização da memória vinculada a esse espaço simbólico.

Essa incumbência se tornou desafiadora devido à escassez de fontes e informações acessíveis. Para suprir essa ausência, também foi realizada pesquisa nos arquivos da Câmara Municipal de Viçosa, que contém um acervo das reuniões realizadas pelos parlamentares desde seu encetativo. A pesquisa minuciosa com objetivo de obter informações precisas sobre a demolição da Igreja do Rosário em Viçosa nestes arquivos, especificamente em documentos referentes aos anos de 1964 e 1965, para nossa surpresa e consternação, revelou uma lacuna significativa nos registros disponíveis.

Os arquivos da Câmara Municipal, geralmente considerados como uma fonte confiável de informações históricas, são frequentemente utilizados para rastrear decisões e eventos importantes que moldaram o desenvolvimento de uma comunidade, sendo fontes documentais de grande relevância para a pesquisa histórica, especialmente no contexto da história local e regional.

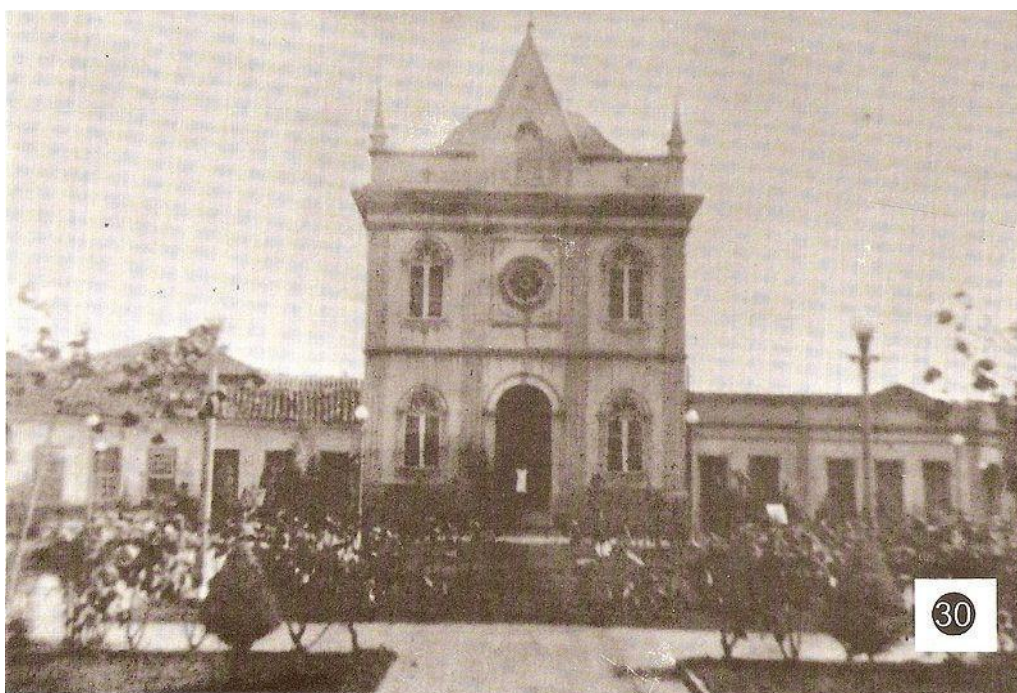
Dito isso e sabendo que sendo a demolição da Igreja do Rosário foi um evento significativo na história de Viçosa, no caso dos arquivos da Câmara Municipal de Viçosa, por serem arquivos de natureza oficial, poderiam ter melhor sido discutida e documentado nas reuniões da câmara municipal o ocorrido. Isto porque os registros dessas discussões e decisões poderiam fornecer informações valiosas sobre os motivos, as circunstâncias e as implicações da demolição, além de contribuir para

contextualizá-la dentro de um cenário mais amplo de desenvolvimento urbano e transformações na cidade.

No entanto, no que se refere ao caso da demolição da Igreja do Rosário, parece que esses registros são subjacentes ou talvez tenham sido perdidos ao longo do tempo. A ausência de informações nos arquivos da Câmara Municipal sobre a demolição não significa necessariamente que o fato não tenha sido discutido entre os parlamentares. Embora essa lacuna seja frustrante para a pesquisa histórica, ela também ressalta a importância da preservação adequada de documentos e registros históricos, bem como a necessidade de se buscar fontes alternativas de informações como registros em arquivos privados ou mesmo novos meios de registro e arquivamento, considerando-se as atuais tecnologias.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Viçosa (Figura. 18), demolida em 1965, não foi precedente à devoção da Santa no município. Segundo o jornalista José Mário Rangel (2010), o marco foi em 1834, com a construção da capela que fora demolida em 1899. A construção dessa segunda igreja, sobre a qual trata esse trabalho, o jornalista relata ter iniciado no ano de 1903.

Figura 18 – Antiga fachada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no centro de Viçosa, MG



Fonte: Borges e Sabioni (2006).

O destino da Igreja Matriz de Santa Rita diferencia-se profundamente do ocorrido com a Igreja do Rosário. A Antiga Matriz, embora tenha sido demolida, foi-o apenas após a conclusão e dedicação do novo templo (Santuário de Santa Rita de Cássia, inaugurado em 1961), garantindo uma transição planejada e ininterrupta da liturgia e do poder eclesiástico.

Conforme ilustra a Figura 22 e 23, houve um período em que a Antiga e a Nova Matriz coexistiram lado a lado, evidenciando uma disposição estratégica do poder público e das elites em manter a centralidade simbólica da sua fé. Tal planejamento e interesse em preservar o patrimônio da comunidade dominante contrasta vivamente com a atitude frente à Igreja do Rosário. Neste caso, a demolição em 1965 resultou na anulação imediata e definitiva do templo.

No local da antiga igreja do Rosário, restou apenas a Praça do Rosário. A única persistência da memória, portanto, é a preservação toponímica, que, apesar de manter o nome, é um lembrete simbólico da ausência material e da exclusão socioespacial imposta aos fiéis e à cultura afro-brasileira no coração da cidade.

Sobre o processo de demolição da igreja, e por a bibliografia disponível trata essa história de maneira apenas introdutória, é também difícil ter respostas sobre o paradeiro de seus itens preciosos para a fé na santa. Souto (2018) aponta que com a demolição houve dispersão dos objetos presentes na igreja, e os fiéis não foram informados sequer sobre o paradeiro da imagem de Nossa Senhora do Rosário, passando a Igreja de São José, no distrito de São José do Triunfo a ser consagrada para a devoção à Nossa Senhora do Rosário, devido à realização do festejo do Rosário realizado pela e na comunidade. Assim, fixou-se em sua porta principal uma imagem da Santa ao lado da imagem de São José.

Figura 19 – Antiga Matriz de Santa Rita de Cássia, 1940



Fonte: <https://santaritaviciosa.com.br>.

Figura 20 – Atual Matriz de Santa Rita de Cássia, 2019



Fonte: <https://santaritaviciosa.com.br>.

Figura 21 – Construção da Igreja Matriz



Fonte: Viçosa... (2019a).

Figura 22 – Foto da construção da Matriz, e do lado, a antiga



Fonte: Viçosa... (2019a).

Figura 23 – Inauguração da nova Matriz



Fonte: Viçosa... (2019a).

4.1. Jornal Folha da Mata

O Jornal “Folha da Mata” é um veículo de comunicação impresso que serve como importante fonte de informação e notícias para o município de Viçosa. Sua importância para esse trabalho é significativa, tanto por se tratar de um veículo de imprensa que possui uma longa data de registro de alguns dos fatos ocorridos na cidade, quanto por sua importância como fonte, uma vez que a maneira como a mídia retrata um espaço público pode contribuir positiva ou negativamente sobre a forma como os moradores locais o percebem.

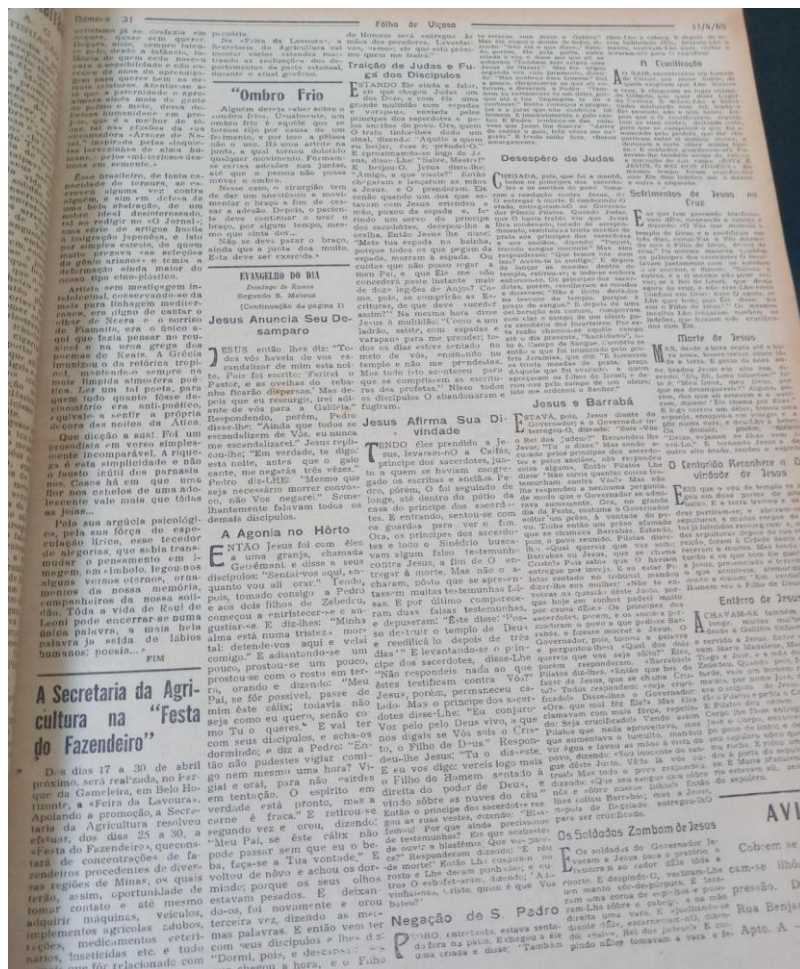
Segundo Miranda (2022), o referido jornal foi fundado em 1961, um período, como já pontuado, marcado por grandes transformações sociais e políticas no Brasil. Sua criação foi motivada pela necessidade de um veículo de comunicação que pudesse atender à demanda por informações locais em Viçosa e na região da Mata de Minas Gerais.

A pesquisa documental realizada no arquivo físico do jornal, com foco na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e na Praça do Rosário, revelou uma lacuna notável de informações sobre os fatos ocorridos durante os anos de 1963, 1964 e 1965. A jornalista Lilian Miranda (2022), em sua dissertação “A memória do município de Viçosa no jornal Folha da Mata (1970 -2019)”, faz apontamentos sobre esse “apagão”

pode estar relacionado à conjuntura política da Ditadura Militar no Brasil, que começou em 1964, uma vez que muito se foi alterado no contexto jornalístico e político da época, sobretudo, em um cenário de censura que passou a marcar a produção artística e jornalística.

Um aspecto intrigante e específico que se notou nas páginas das edições do jornal desse período foi a presença significativa de longos trechos de citações bíblicas e passagens religiosas (Figura 25). A presença desses textos em várias páginas levanta questões provocantes sobre a possível censura e os desafios enfrentados pela imprensa durante o período ditatorial. O contexto histórico da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) foi marcado por um rígido controle e pela censura de informações consideradas subversivas pelo regime. Nesse cenário, a inclusão de textos bíblicos pode ter sido uma estratégia para preencher espaço editorial e desviar a atenção dos temas considerados sensíveis pelas autoridades.

Figura 24 – Passagens bíblicas no Jornal folha da mata, 1965



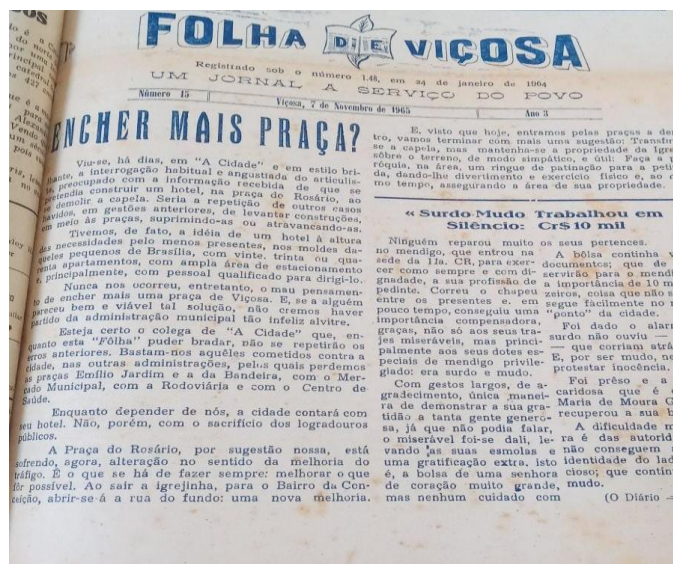
Fonte: Arquivo Folha da Mara

Ainda assim, a pesquisa foi conduzida de maneira exaustiva, marcada por horas de leitura meticulosa e minuciosa busca por qualquer indício ou registro relacionado à demolição da Igreja. No entanto, notou-se nas páginas lidas uma ausência quase “ensurdecadora” de qualquer notícia ou menção à demolição da igreja.

Portanto, nesta seção tem-se algumas das poucas reportagens selecionadas no arquivo físico que contenham relação com a Igreja e a praça do Rosário e o contexto da demolição ocorrida em 1965. Diante da ausência de notícias sobre a demolição, foi necessário explorar as notícias relacionadas à praça como uma estratégia alternativa para compreender o contexto da época. Embora a demolição em si não tenha sido documentada no jornal, a praça ao redor da igreja era um espaço público central e, portanto, as notícias sobre a mesma continham pistas valiosas sobre o ambiente social, político e cultural da época em que a igreja foi demolida. Como se verá, serão apresentadas fotografias das páginas acompanhados de respetivos *boxes* com a transcrição do texto da notícia com vistas a facilitar a leitura.

Ao analisar as notícias sobre a praça, buscou-se entender como esse espaço público estava sendo discutido e modificado naquele período. Embora as notícias sobre a praça não forneçam informações diretas sobre a demolição da igreja, elas podem oferecer uma visão mais ampla do período histórico em questão e das forças que moldaram a paisagem urbana de Viçosa naquele momento.

Figura 25 – Reportagem 1, Jornal Folha de Viçosa



Fonte: Arquivo do Jornal Folha da Mata.

Box 1 – Reportagem 1, Jornal Folha de Viçosa, 24 de janeiro de 1964

ENCHER MAIS PRAÇA?

Viu-se há dias, em “A Cidade” e em estilo Brilhante, a interrogação habitual e angustiada do articulista preocupado com a informação recebida de que se pretendia construir um hotel, na praça do Rosário, ao que se demolir a capela. Seria a repetição de outros casos havidos em gestões anteriores, de levantar construções, em meio às praças, suprimindo-as ou atravancando-as.

Tivemos, de fato, a idéia de um hotel à altura das necessidades pelo menos presentes, nos moldes daqueles pequenos de Brasília, com vinte, trinta ou quarenta apartamentos, com ampla área de estacionamento e, principalmente, com pessoal qualificado para dirigi-lo.

Nunca nos ocorreu, entretanto, o mau pensamento de encher mais uma praça de Viçosa. E, se a alguém pareceu bem viável tal solução, não cremos haver partido da administração municipal tão infeliz alvitre. Esteja certo o colega de “A Cidade” que enquanto esta “Fôlha” puder bradar, não se repetirão os erros anteriores. Basta-nos aqueles cometidos contra a cidade, nas outras administrações, pelas quais perdemos as praças Emílio Jardim e a da Bandeira, com o Mercado Municipal, com a Rodoviária e com o Centro de saúde.

Enquanto depender de nós, a cidade contará com seu hotel. Não, porém, com o sacrifício dos logradouros públicos.

A Praça do Rosário, por sugestão nossa, está sofrendo alteração no sentido de melhoria do tráfego. É o que se há de fazer sempre: melhorar o que se for possível. Ao sair a igreja, para o Bairro da Conceição, abrir-se-á a rua do fundo: uma melhoria.

E, visto que hoje, entramos pelas praças a dentro, vamos terminar com mais uma sugestão: Transfira-se a capela, mas mantenha-se a propriedade da Igreja sobre o terreno, de modo simpático e útil: Faça a paróquia, na área, um ringue de patinação para a petizada, dando-lhe divertimento e exercício físico, e ao mesmo tempo, assegurando a área de sua propriedade.

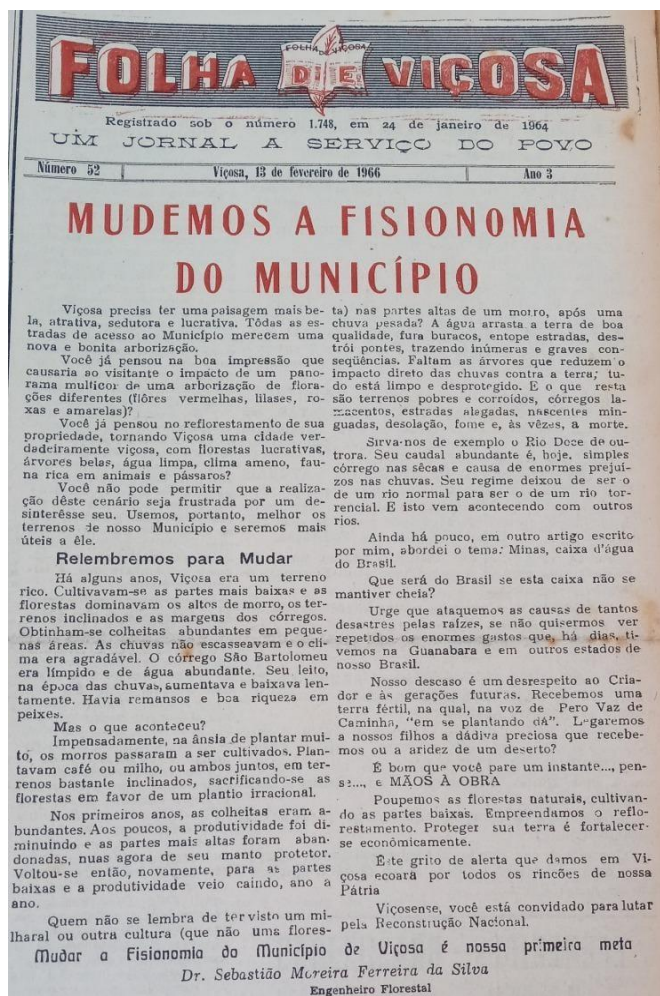
Fonte: Arquivo do Jornal Folha da Mata.

A reportagem de 1964 do jornal “Folha da Mata” – que à época ainda era nomeado como “Folha de Viçosa” – mostra que as discussões a respeito do futuro da Igreja do Rosário estavam ali presentes, mas notavelmente se omite a consideração sobre a permanência da mesma. Como demonstra a opinião do articulista, a “capela” pode ser transferida, mas a praça não.

Essa ausência de consideração para a preservação da igreja é significativa. A reportagem pode ter refletido a perspectiva predominante na época de que a Praça do Rosário necessitava de renovação e revitalização – “melhorar o que se for possível. [...] Faça a paróquia, na área, um ringue de patinação para a petizada, dando-lhe divertimento e exercício físico”. Essa visão poderia ser motivada por

considerações estéticas e funcionais. O que acaba por conflitar com as notícias registradas posteriormente, em que, a sob a justificativa de progresso e crescimento da cidade, a reconstrução da igreja se torna algo inadmissível.

Figura 26 – Reportagem 2, Jornal Folha de Viçosa



Fonte: Arquivo do Jornal Folha da Mata.

Box 2 – Reportagem 2, Jornal Folha de Viçosa, 13 de fevereiro de 1966

MUDEMOS A FISIONOMIA DO MUNICÍPIO

Viçosa precisa ter uma paisagem mais bela, atrativa, sedutora e lucrativa. Todas as estradas de acesso ao Município merecem uma nova e bonita arborização.

Você já pensou na boa impressão que causaria ao visitante o impacto de um panorama multicolor de uma arborização de florações diferentes (Flôres vermelhas, lilases, roxas e amarelas)?

Você já pensou no reflorestamento de sua propriedade, tornando Viçosa uma cidade verdadeiramente viçosa, com florestas lucrativas, árvores belas, água limpa, clima ameno, fauna rica em animais e pássaros?

Você não pode permitir que a realização dêste cenário seja frustrada por um desinterêsse seu. Usemos, portanto, melhor os terrenos de nosso Município e seremos

mais úteis a êle.

Relembramos para Mudar

Há alguns anos, Viçosa era um terreno rico. Cultivavam-se as partes mais baixas e as florestas dominavam os altos de morro, os terrenos inclinados e as margens dos córregos. Obtinham-se colheitas abundantes em pequenas áreas. As chuvas não escasseavam e o clima era agradável. O córrego São Bartolomeu era límpido e de água abundante. Seu leito, na época das chuvas, aumentava e abaixava lentamente. Havia remansos e boa riqueza em peixes.

Mas o que aconteceu?

Impensadamente na mesma ânsia de plantar os morros passaram a ser cultivados plantavam café ou milho, ou ambos juntos, em terrenos bastante inclinados, sacrificando-se as florestas em favor de um plantio irracional.

Nos primeiros anos as colheitas eram abundantes. Aos poucos a produtividade foi diminuindo e as partes mais altas foram abandonadas nuas agora de seu manto protetor. Voltou-se então novamente para as partes baixas e a produtividade foi caindo, ano a ano.

Quem não se lembra de ter visto um milharal ou outra cultura (que não fosse floresta) nas partes altas de um morro após uma chuva pesada? A água arrasta a terra de boa qualidade, fura buracos, entope estradas, destrói pontes, trazendo inúmeras e graves consequências. Faltam as árvores que reduzem o impacto direto das chuvas contra a terra, tudo está limpo e desprotegido. E o que resta são terrenos pobres e corroídos, córregos lamacentos, estradas alagadas, nascentes minguadas, desolação, fome e, às vezes, a morte.

Sirva-nos de exemplo o Rio Doce de outrora. Seu caudal abundante é, hoje, simples córrego nas sêcas e causa de enormes prejuízos nas chuvas. Seu regime deixou de ser o de um rio normal para ser o de um rio torrencial. E isto vem acontecendo com outros rios.

Ainda há pouco, em outro artigo escrito por mim, abordei o tema: Minas, Caixa d'água do Brasil.

Que será do Brasil se esta caixa não se mantiver cheia?

Urge que ataquem as causas de tantos desastres pelas raízes, se não quisermos ver repetidos os enormes gastos que há dias tivemos na Guanabara e em outros estados do nosso Brasil.

Nosso descaso é um desrespeito ao criador e as gerações futuras. Recebemos uma terra fértil na qual, na voz de Pero Vaz de Caminha, "em se plantando, tudo dá". Largaremos a nossos filhos a dádiva preciosa que recebemos ou a aridez de um deserto?

É bom que você pare um instante..., pense... e MÃOS À OBRA.

Poupemos as florestas naturais, cultivando as partes baixas. Empreendemos o reflorestamento. Proteger sua terra é fortalecer-se economicamente.

Este grito de alerta que damos em Viçosa ecoará por todos os rincões de nossa Pátria.

Viçosense, você está convidado para lutar pela Reconstrução Nacional.

Mudar a fisionomia do município de Viçosa é nossa primeira meta.

Dr. Sebastião Moreira Ferreira da Silva
Engenheiro Florestal

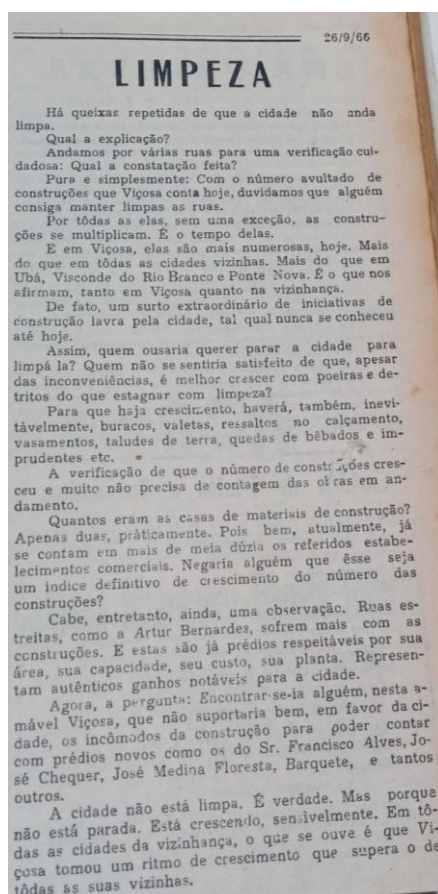
Fonte: Arquivo do Jornal Folha da Mata.

A reportagem supracitada do jornal "Folha de Viçosa" de 1966, abordou diversas questões relacionadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento da cidade de Viçosa. No entanto, uma vez que trata das transformações urbanas pelas quais

Viçosa vinha passando, é intrigante notar que o articulista não fez nenhuma menção à demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que ocorreu apenas um ano antes, em 1965. Essa omissão tem implicações importantes para a compreensão da metamorfose urbana no município.

A reportagem de 1966 enfatizou a necessidade de melhorias na arborização e na paisagem urbana de Viçosa, destacou a importância da estética da cidade, da qualidade de vida dos habitantes e dos benefícios ambientais proporcionados pela presença de árvores, sobretudo nos topos de morros, para a preservação e integração com o meio ambiente. No entanto, ao não mencionar a demolição da Igreja do Rosário, a reportagem pode ter negligenciado um aspecto crucial da “fisionomia” do município.

Figura 27 – Reportagem 3, Jornal Folha de Viçosa



Fonte: Arquivo do Jornal Folha da Mata.

Box 3 – Reportagem 3, Folha de Viçosa, 26 de setembro de 1966 (Manchete sobre limpeza na cidade)

LIMPEZA

Há queixas repetidas de que a cidade não anda limpa.

Qual a explicação?

Andamos por várias ruas para uma verificação cuidadosa: Qual a constatação feita? Pura e simplesmente: Com o número avultado de construções que Viçosa conta hoje, duvidamos que alguém consiga manter limpas as ruas.

Por tôdas as elas, sem uma exceção, as construções se multiplicam. É o tempo delas.

E em Viçosa, elas são mais numerosas, hoje. Mais do que em tôdas as cidades vizinhas. Mais do que em Ubá, Visconde do Rio Branco e Ponte Nova. É o que nos afirmam, tanto em Viçosa quanto na vizinhança.

De fato, um surto extraordinário de iniciativas de construção lavra pela cidade, tal qual nunca se conheceu até hoje.

Assim, quem ousaria querer parar a cidade para limpá-la? Quem não se sentiria satisfeito de que, apesar das inconveniências, é melhor crescer com poeiras e detritos do que estagnar com limpeza?

Para que haja crescimento, haverá, também, inevitavelmente, buracos, valetas, ressaltos no calçamento, vasamentos, taludes de terra, quedas de bêbados e imprudentes etc.

A verificação de que o número de construções cresceu e muito não precisa de contagem das obras em andamento.

Quantos eram as casas de materiais de construção? Apenas duas, praticamente. Pois bem, atualmente, já se contam em mais de meia dúzia os referidos estabelecimentos comerciais. Negaria alguém que êsse seja um índice definitivo de crescimento do número das construções?

Cabe, entretanto, ainda, uma observação. Ruas estreitas, como a Artur Bernardes, sofrem mais com as construções. E estas são já prédios respeitáveis por sua área, sua capacidade, seu custo, sua planta. Representam autênticos ganhos notáveis para a cidade.

Agora, a pergunta: Encontrar-se-ia alguém, nesta amável Viçosa, que não suportaria bem, em favor da cidade, os incômodos da construção para poder contar com prédios novos como os do Sr. Francisco Alves, José Chequer, José Medina Floresta, Barquete, e tantos outros.

A cidade não está limpa. É verdade. Mas porque não está parada. Está crescendo, sensivelmente. Em tôdas as cidades da vizinha, o que se ouve é que Viçosa tomou um ritmo de crescimento que supera o de todas as suas vizinhas.

Fonte: Arquivo do Jornal Folha da Mata.

A reportagem sobre a limpeza das áreas afetadas pelas obras, em 1966, um ano após a demolição e também após o processo de federalização da universidade, revela uma narrativa que enfatiza a construção civil como símbolo de progresso. Nesse contexto, é importante observar como a paisagem urbana estava sendo reconfigurada e como as autoridades locais e a sociedade viam essas transformações.

A federalização da Universidade e a demolição da Igreja do Rosário provavelmente desencadearam uma série de mudanças no centro de Viçosa,

incluindo a remoção dos escombros e a preparação do terreno para obras futuras. A reportagem de 1966 é um indício de que a construção civil estava sendo enfatizada como um sinal de modernização e crescimento econômico, sugerindo que a remoção da igreja abria caminho para um novo capítulo na história da cidade.

A frase “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”, proferida pelo historiador Jacques Le Goff e popularizada pelo historiador Michel Pollak, ressalta a natureza seletiva e falível da memória humana. Ela aponta para o fato de que nem todos os eventos, experiências e aspectos da história são igualmente lembrados ou registrados. A memória é moldada por diversos fatores, incluindo o contexto social, político e cultural, o que significa que certos aspectos da história podem ser negligenciados ou esquecidos ao longo do tempo.

Apontando esse campo de forças e disputas, as consequências da ausência da igreja, assim como a mudança do local da festa do Rosário para a periferia da cidade interferiu sobre a identidade dos nativos, uma vez que se considera que “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (POLLAK, 1992, p. 204).

4.2 Viçosa nos jornais: um capítulo inacabado

A narrativa que emerge das páginas do jornal “Folha da Mata” é expressão de uma história em construção, marcada por lacunas e silêncios, mas também por transformações que moldaram a cidade.

As matérias do arquivo do jornal “Folha da Mata”, com sua ênfase em diferentes aspectos da vida urbana, revelaram uma Viçosa em constante movimento. Notícias sobre eventos culturais, alterações urbanísticas e desenvolvimentos econômicos proporcionaram uma visão parcial, mas valiosa, da paisagem da cidade ao longo das décadas.

No entanto, à investigação sobre a história da Igreja do Rosário, confrontamos com a flagrante escassez de informações disponíveis, fato que desafia nossa compreensão do passado da cidade.

Todavia, essa lacuna não deve ser vista como um ponto final, mas sim como um convite à reflexão e ao questionamento. É uma lembrança de que a história é muitas vezes fragmentada e que a busca pelo passado pode ser uma tarefa árdua e incompleta. Essas limitações não devem nos desencorajar, mas sim nos inspirar a

buscar outras fontes, perspectivas e abordagens para compreender a rica tapeçaria da história de Viçosa.

Portanto, encerramos este capítulo com a consciência de que nossa investigação sobre a Igreja do Rosário é uma jornada em andamento, uma narrativa que está longe de estar completa. À medida que exploramos as páginas do “Folha da Mata”, encontramos fragmentos da história da cidade, mas também reconhecemos as histórias não contadas, as vozes ausentes e as memórias esquecidas. Isso nos lembra que a história é dinâmica e está em constante evolução. Como pesquisadores, somos desafiados a continuar desvendando essas histórias ocultas, contribuindo assim para a construção de uma narrativa mais inclusiva do passado da cidade.

5. COMEDIDO ACERVO E PROPOSTA DE PRODUTO FINAL: “UM RELICÁRIO IMENSO”

Relicário

substantivo masculino

1. *Lugar destinado para guardar ou proteger coisas preciosas e/ ou relíquias.*

2. *O que pertenceu a um santo ou por este foi tocado, normalmente, refere-se às relíquias (bolsinhas ou medalhas) que algumas pessoas costumam carregar junto ao pescoço.*

3. *Aquilo que tem um valor imenso; que é muito precioso.*

*Etimologia (origem da palavra **relicário**). Do latim reliquarium.*

Este “comedido acervo” pretende compor-se do material coletado em arquivos, plataformas virtuais de domínio público, documentos históricos, registros paroquiais, acervos de fotografias antigas e outras fontes que possam lançar luz sobre a história da Igreja de Nossa Senhora do Rosário demolida em 1965. De outro modo, esperar-se fazer o devido compilado sobre a referida igreja é um compromisso com o resguardo da história e para com a identidade negra que permaneça para as futuras gerações.

Vale lembrar que a escassez de registros não deve ser vista como uma barreira insuperável, mas sim como um desafio que motiva a criatividade e a dedicação na pesquisa histórica. Assim, os registros encontrados até o momento são apenas o começo de uma narrativa mais completa e rica que espera ser contada, através do produto final.

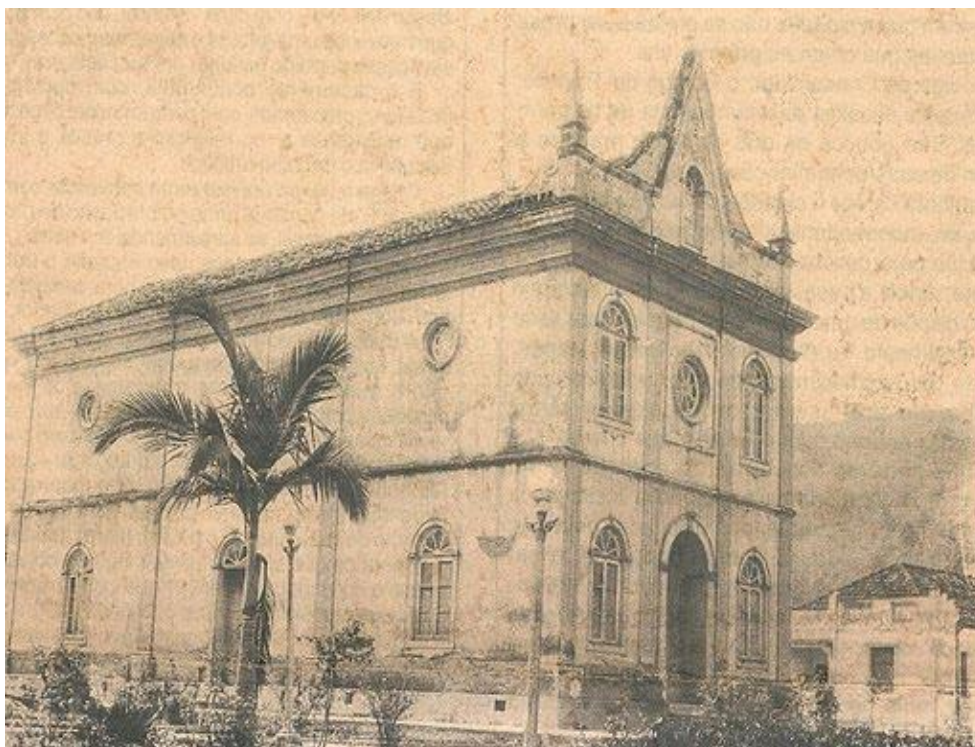
A seguir, alguns registros imagéticos dessa história.

Figura 28 – Igreja do Rosário



Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV.

Figura 29 – Perfil da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no centro de Viçosa, MG



Fonte: Rangel (2010).

Figura 30 – Igrejas do Rosário e matriz de Santa Rita de Cássia, antes e depois



Fonte: santuariosantarita.com.

Figura 31 – Praça do Rosário 1950. Nota-se uma parte da Igreja, à direita da foto



Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV

Figura 32 – Festa realizada na praça do Rosário, fotografia doada ao Arquivo Central da UFV pela família do Sr. Oswaldo de Sales Tiburcio, 1930



Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV

Figura 33 – Fragmento de fotografia com parte da Igreja do Rosário



Fonte: Viçosa... (2019a).

Figura 34 – Demolição da Igreja do Rosário



Fonte: Viçosa... (2019a).

Figura 35 – Demolição da Igreja do Rosário



Fonte: Viçosa... (2019a).

5.1. Museu Virtual Viçosa

O momento de avanço das tecnologias e a ampla utilização das redes sociais modificaram a forma como as sociedades se relacionam com a história, o patrimônio cultural e as memórias coletivas. Este fenômeno não é apenas percebido na esfera global, mas também se manifesta em níveis locais e regionais. Um exemplo relevante dessa mudança é o grupo denominado “Museu Virtual Viçosa”, que se tornou um espaço emblemático para o compartilhamento de registros e memórias relacionados à cidade.

Tal iniciativa se trata de um grupo no *Facebook*. Ou seja, é uma comunidade online onde os membros podem compartilhar interesses, informações e interagir uns com os outros por meio de discussões, postagens, fotos, vídeos e outros tipos de conteúdo. Os grupos são criados por usuários da rede social e podem ser públicos, privados ou secretos, dependendo das configurações escolhidas pelo administrador do grupo.

No caso do grupo “Museu Virtual Viçosa”, o objetivo é ser um repositório virtual de informações, fotografias, documentos e histórias relacionadas à história de Viçosa.

Seus membros compartilham suas memórias pessoais, fotografias antigas e conhecimentos sobre o passado da cidade. A comunidade reúne membros da comunidade local, ex-residentes e entusiastas da história de Viçosa que estão interessados em preservar e compartilhar o patrimônio da cidade.

O grupo cresceu consideravelmente ao longo dos anos, reunindo uma comunidade diversificada de historiadores amadores, moradores locais, ex-alunos da UFV e entusiastas em geral. Por meio dessa plataforma digital, membros do grupo podem compartilhar ou acessar registros que retratam as transformações que Viçosa experimentou ao longo do tempo, desde sua fundação até os dias atuais. Além disso, o grupo promove uma conexão intergeracional que permite que diferentes gerações compartilhem e discutam suas perspectivas e experiências sobre a história de Viçosa.

O *Facebook*, fundado em 2004, foi uma das primeiras redes sociais a ganhar destaque e a se tornar uma plataforma central para o compartilhamento de conteúdo pessoal e coletivo. Por muitos anos, foi o epicentro das interações online, abrigando grupos e comunidades dedicados a uma ampla gama de interesses, incluindo aqueles voltados à salvaguarda da história e da memória, como o “Museu Virtual Viçosa”.

No entanto, como a tecnologia avança a uma velocidade vertiginosa, as preferências e os comportamentos online também mudam. O rápido desenvolvimento de novas plataformas de redes sociais, como *Instagram*, *Twitter*, *TikTok* e outras, introduziu novas dinâmicas e formatos de compartilhamento de conteúdo. Essas redes sociais muitas vezes se destacam pela simplicidade, pela instantaneidade e pela ênfase na visualização de imagens e vídeos, o que se alinha com a tendência atual de comunicação rápida e visual.

O *Facebook*, embora ainda seja uma plataforma amplamente utilizada, experimentou uma mudança em sua dinâmica, com algumas gerações mais jovens preferindo outras redes sociais que se adequam melhor às suas necessidades de comunicação e expressão. Além disso, preocupações relacionadas à privacidade e ao uso de dados pessoais levaram algumas pessoas a repensar seu envolvimento nas redes sociais tradicionais.

No contexto do “Museu Virtual Viçosa”, esta mudança nas preferências das redes sociais também pode ter gerado algum impacto. À medida que o *Facebook* perde parte de sua audiência para outras plataformas, pode ser necessário adaptar a estratégia de compartilhamento de registros e memórias para alcançar novos públicos.

No entanto, é importante notar que a evolução das redes sociais não é necessariamente negativa. Novas plataformas oferecem oportunidades diferentes de apresentar a história e a memória de Viçosa de maneiras inovadoras e envolventes. O uso de imagens, vídeos curtos e histórias efêmeras pode tornar a narrativa histórica mais acessível e atraente para diferentes públicos.

Na era da tecnologia, a rapidez e a evolução constante das redes sociais são características marcantes. No entanto, essas mudanças também apresentam oportunidades para repensar a maneira como compartilhamos e preservamos a história e a memória. O “Museu Virtual Viçosa” e iniciativas semelhantes podem se adaptar às preferências em constante evolução do público e aproveitar as novas ferramentas e formatos disponíveis para continuar a cumprir seu importante papel na preservação da história local e no compartilhamento de memórias. O desafio é abraçar a mudança e continuar a conectar pessoas com sua história de maneira significativa e relevante.

Os arquivos e informações disponíveis online desempenharam um papel importante para esse trabalho. É necessário destacar que a utilização de imagens encontradas no grupo “Museu Virtual Viçosa” desempenhou um papel significativo no enriquecimento do trabalho de pesquisa sobre a Igreja do Rosário em Viçosa.

Embora a dinâmica do Instagram possa ser diferente da do *Facebook*, atualmente um perfil nesta rede, intitulado “Patrimônios negros Viçosa”, mostrou-se uma iniciativa valiosa e trata-se de um exemplo de como as redes sociais podem ser adaptadas para promover a conscientização e a valorização de aspectos importantes da história local.

O perfil é do projeto de pesquisa “Patrimônios Negros: inventário participativo do patrimônio cultural afro-brasileiro em Viçosa, Minas Gerais”. O projeto é coordenado pelo professor Luiz Gustavo Santos Cota, do Colégio de Aplicação (CAp-COLUNI) da UFV) e composto pelos estudantes Eric Matheus Faria Martins (bolsista PIBIC-EM CNPq) e Thiago Teixeira de Andrade (bolsista BICJr-FAPEMIG). O projeto possui o objetivo de “tornar visíveis as contribuições da população negra para a construção da comunidade local, colaborando ainda a construção de novos instrumentos de combate ao racismo, valorizando a história e a cultura de uma população historicamente excluída”. Por exemplo, através da página é possível acessar um link de um formulário online onde qualquer pessoa pode contribuir com o projeto, enviando fotos, imagens e relatos de patrimônios negros do município.

No perfil já foi feita uma publicação sobre a Igreja do Rosário, uma espécie de lembrete da importância de se reconhecer e celebrar a diversidade cultural e histórica de uma cidade. Além de informar, essa postagem também serviu como um ponto de partida para o diálogo e o engajamento da comunidade. No perfil, os responsáveis pelo projeto convidam as pessoas a se envolverem com a história e a cultura afrodescendente em Viçosa, a fazerem perguntas, a compartilharem suas próprias histórias e a se envolverem na preservação do patrimônio. Isso cria um espaço de discussão valioso que pode fortalecer os laços entre diferentes grupos na cidade. Destacam também a necessidade contínua de se preservar e divulgar o patrimônio afro-brasileiro e de promover um diálogo intercultural que enriqueça a identidade e a comunidade de Viçosa.

Figura 36 Fotomontagem da Igreja do Rosário com Congadeiros



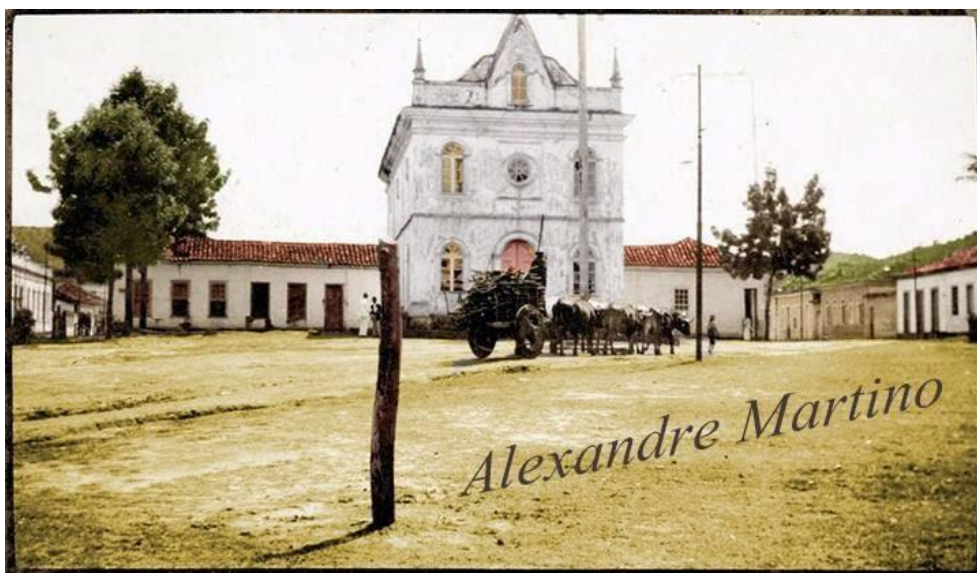
Fonte: Perfil do Instagram "Patrimônios negros Viçosa".

Figura 37 – Praça do Rosário, ano desconhecido



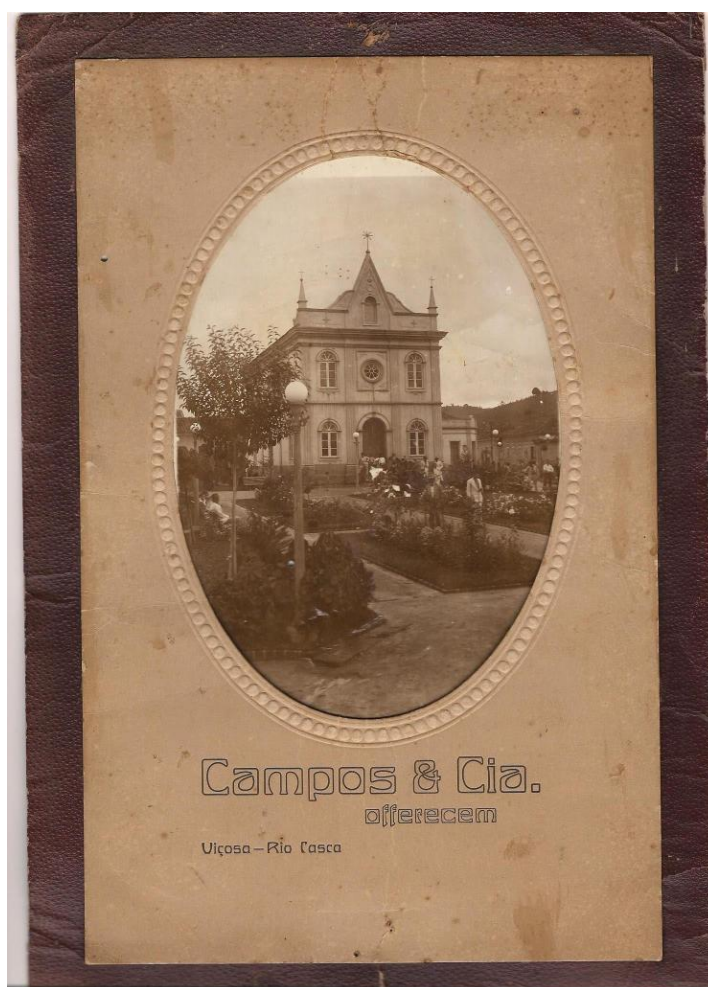
Fonte: Museu virtual Viçosa.

Figura 38 – Igreja do Rosário ano desconhecido. Coloração artificial



Fonte: Museu virtual Viçosa.

Figura 39 – Capa de livro com foto da praça ainda com a igreja, ano desconhecido



Fonte: Museu virtual Viçosa.

Figura 40: Pintura do artista Antônio Paulo - Ouro Preto



Fonte: Museu virtual Viçosa.

5. 2. Contribuições de Agnaldo Pacheco

Dentre as informações obtidas acerca da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Viçosa, há de se destacar as contribuições deixadas pelo saudoso Agnaldo Pacheco, arquiteto e urbanista que notoriamente refletiu e lutou para que o município de Viçosa fosse menos hostil e mais acolhedor a todos e todas. Adiante, temos as imagens de um projeto não concluído, dado seu falecimento em 2016. O projeto em 3D retrataria a Praça do Rosário com a igreja que a ela deu nome, antes de sua demolição em 1965. As imagens foram disponibilizadas por ele na página “Museu virtual Viçosa”, para a qual era assíduo contribuidor.

Figura 41 – Praça do Rosário em 3D



Fonte: Museu virtual Viçosa.

Figura 42 – Praça do Rosário em 3D



Fonte: Museu virtual Viçosa.

Figura 43 – Praça do Rosário em 3D



Fonte: Museu virtual Viçosa.

Figura 44 – Montagem da praça do Rosário por Alberto Pacheco



Fonte: Museu Virtual Viçosa.

5.3. Produto Final

Atendendo ao requisito do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania do Departamento de História da UFV, o produto final aqui apresentado se trata uma proposta metodológica que vai contrapor a falta de registro e silenciamento da história negra, que ocorre não apenas no município de Viçosa como em todo país. Isto é, voltando atenção para os mais jovens – sujeitos cruciais para qualquer perspectiva de mudanças nesse cenário –, pretende-se elaborar e divulgar um website, onde todos poderão contribuir com registros acerca da Igreja do Rosário.

A ideia é que se divulgue o website também para os professores das escolas públicas, a fim de que o material seja também direcionado para crianças e adolescentes na intenção de proporcionar, aos mais jovens, contato com o material coletado sobre a história local, de forma atrativa, a fim de estimular o interesse pelo patrimônio e, sobretudo, a autoestima dos estudantes que se identificam com a trajetória identitária negra.

Além de proporcionar a divulgação científica, o objetivo dessa proposta é colaborar com a aplicação da lei 10.639/03 atualizada pela 11.645/08 que regulamenta o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em estabelecimentos de ensino públicos e privados de todas as modalidades. Pode auxiliar também no ensino da História local em âmbito municipal.

Como escreveu Canclini (1994):

O historiador atua como mediador em um processo de democratização do conhecimento histórico sobre a cidade. Não se trata de assumir uma posição condescendente ou paternalista diante dessa possibilidade de participação, uma vez que ela – [...] não substitui a problemática específica da valoração histórica e estética dos bens culturais [...] mas oferece outrossim uma referência – uma fonte de sentido (p.106).

O material será disponibilizado virtualmente de forma gratuita e divulgado através das redes sociais. Dessa forma, ficará disponível para qualquer pessoa que quiser acessá-lo. O público-alvo da divulgação será principalmente profissionais da educação, assim como coletivos e movimentos sociais, possibilitando a utilização em oficinas e intervenções pedagógicas dentro e fora da sala de aula.

Além do alargamento do alcance do relicário ao ser disponibilizado online – o que contribui para uma disseminação mais ampla do conhecimento gerado pela pesquisa –, uma de suas vantagens é a interatividade que ele oferecerá. Visitantes poderão explorar as imagens, ler as informações históricas e, potencialmente, contribuir com comentários, histórias pessoais e/ou outras informações relevantes. Isso amplifica a acessibilidade da pesquisa e permite que um público mais extenso e diversificado se envolva com o conteúdo.

Deste modo, esta proposta de produto final não apenas atende aos requisitos do mestrado, mas também deixa um legado duradouro para a comunidade de Viçosa e para todos aqueles que se interessam pela história da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e pela preservação da memória. O relicário online é uma contribuição para que a história da Igreja do Rosário continue a ser contada e celebrada.

Figura 45 Festa de Nossa Senhora do Rosário, em São José do Triunfo



Fonte: turismoseminas.com

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexa interação entre patrimônio cultural, memória e transformação urbana, pode ser observada a partir da demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário que se situava na região central de Viçosa e em seu, conseqüente, impacto para a comunidade local. A negligência, proposital ou não com a memória dessa igreja, modificou a forma como as relações de religiosidade, festividade e socialização se configuram, mas não pôs fim à elas.

A memória da igreja e de suas tradições culturais continua viva por meio de esforços de preservação e da celebração das festas de congado em um novo local.

A demolição da Igreja do Rosário e a subsequente mudança das festas de congado para distritos distantes – São José do Triunfo e Cachoeirinha – são eventos que ecoam os silenciamentos e processo de marginalização que Pollak (1992) tão bem identificou. Como visto, as vozes da comunidade local, suas tradições e memórias estão, de certa forma, ausentes dos registros oficiais, refletindo a dinâmica desigual de poder que permeia muitos aspectos da preservação da memória cultural.

Todavia, há de se destacar a resiliência da memória e da cultura, sendo um exercício de determinação das comunidades manter vivas suas tradições e identidades culturais, mesmo em face de grandes desafios, reforçando a ideia de que a memória, muitas vezes subjugada ou negligenciada pela narrativa da história oficial, encontra maneiras de persistir e fluir como água através das frestas do tempo. Metáfora que diz da memória como algo que se infiltra nas rachaduras da história oficial e aponta para a sua capacidade de resistir à tentativa de apagamento e silenciamento, emergindo em formas variadas e muitas vezes positivamente surpreendentes.

Este trabalho fornece um lembrete de que a memória é viva e mutável, e que a pesquisa histórica é uma jornada contínua de descoberta e reflexão. À medida que continuamos a explorar o passado e suas interseções com o presente, honramos não apenas a memória da Igreja do Rosário, mas também a rica diversidade das narrativas humanas que moldam nossa compreensão do mundo. O esforço para um relicário de imagens representa um compromisso com a história, e busca testemunhar a resiliência das comunidades que moldaram a cidade ao longo dos séculos, possibilitando um momento de reflexão e síntese dos objetivos e significados dessa empreitada. Esse relicário, concebido como um repositório, é mais do que um simples

acervo de fotografias e informações. Ele se constitui um testemunho tangível da história dessa Igreja.

A falta de fontes foi algo desafiador e exigiu uma investigação por vestígios de informações em arquivos, registros fragmentados. Essa escassez de fontes ensina, todavia, sobre a resiliência da memória e da história. Embora as narrativas oficiais possam tentar silenciar eventos e vozes, esta pesquisa buscou superar lacunas de informações, escassez de fontes e o esquecimento histórico, encontrando alternativas e soluções criativas.

Aspirando ser mais do que uma simples tentativa de recuperar o passado esquecido; almejou ser como um punhado de água que dá força às lembranças que escaparam pelas lacunas da história. Enfim, como a água de uma nascente, que a conta gota começa a engrossar e, ao longo do percurso, vai encontrando com outras águas e se tornando um fluxo unido, mais forte e poderoso, esta pesquisa buscou ser uma gota nesse rio da memória ao consolidar e fortalecer a memória da Igreja do Rosário de Viçosa e das comunidades afrodescendentes que a circundavam.

NOTA SOBRE A BIBLIOGRAFIA

Durante o trabalho, parti de uma abordagem que rompesse com a hegemonia de leitura e citação de autores e intelectuais brancos, adotando assim uma perspectiva de valorizar, consultar e citar pesquisadores negro, indígenas e de grupos minoritários. Intento que se preza pela coerência com uma dimensão crítica de uma escrita sobre o apagamento da memória de tais grupos minoritários, como é o caso de negros e negras. Esse esforço visou também ampliar o horizonte de influências acadêmicas e reconhecer a contribuição de vozes que, frequentemente, foram e/ou são marginalizadas ou negligenciadas na historiografia tradicional.

Contudo, ao empreender essa busca por uma abordagem mais inclusiva e diversificada, também enfrentei desafios relacionados à representatividade de mulheres negras autoras fora do âmbito específico de raça/gênero. A falta de visibilidade dessas autoras em áreas fora desse escopo é um reflexo das disparidades persistentes no mundo acadêmico, onde a produção intelectual de mulheres negras muitas vezes foi sub-representada ou excluída.

Nesse contexto, a descoberta e valorização do trabalho de Joice Berth (2023), uma arquiteta e urbanista que pesquisa as cidades e seus usos, é um achado importante e enriquecedor para a pesquisa. Seu trabalho contribui para ampliar o campo de influências, trazendo uma perspectiva interdisciplinar e inovadora que pode enriquecer a análise da evolução urbana e do espaço público.

A inclusão do trabalho de Berth na pesquisa não apenas ampliou a diversidade de vozes presentes no trabalho, como também reforçou a importância de se reconhecer e valorizar intelectuais negras que fazem contribuições valiosas em campos tradicionalmente masculinos.

Finalmente, apesar das adversidades para fazer uma bibliografia mais ampla, o ato de buscar outras autoras e autores fora do circuito hegemônico acadêmico foi uma manifestação do compromisso deste trabalho com a equidade epistêmica, que busca ampliar o cânone acadêmico e trazer à tona perspectivas negligenciadas, tornando a pesquisa mais inclusiva e relevante para a compreensão da história e da memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Carlos Moreira. **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Rio de Mour: Círculo de Leitores, 2000.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das Interpretações de civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

BERTH, Joyce. **Direito à Cidade**: Uma Abordagem Interdisciplinar. São Paulo. Editora Paz e Terra. 2023.

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Primeiros Tempos da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern. São Paulo: Zouk, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CANCLINI, N G. O Patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 95-115, 1994.

CHUMBINHO, Izabel. Associações religiosas do século VXIII influenciaram a arte ew a cultura minerias. **Agência Minas Gerais**, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://www.2005-2015.agenciaminas.mg.gov.br/multimidia/galerias/associacoes-religiosas-do-seculo-xviii-influenciaram-a-arte-e-a-cultura-mineiras/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

CONGADO FUNDÃO. 20 out. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://cumbuca.org.br/congado-fundao/>. Acesso em: 11 set. 2023.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

_____. **Em torno do espaço público no Brasil**. In: O Estado de São Paulo, São Paulo, 24 mar. 2010a. Caderno2.

_____. **Notas sobre o espaço público no Brasil**. In: PESSOA, F. & BARBOSA, R. (Orgs.). *Sobre Cidades e Desejos*. Vitória, ES: Museu Vale, 2012a. p. 168-175.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo:

Editora Atlas, 2008.

GRIGIO, Ênio. **“No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse”**: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). 2016. 313f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, RS,, 2016.

HARTOG, François. **Crer em História**. Autêntica, Belo Horizonte, 2017

LAHON, Didier. Da redução da alteridade a consagração da diferença: as irmandades negras em Portugal (Séculos XVI-XVIII). **Projeto História**, São Paulo, n. 44, p. 53-83, jun. 2012.

LOPES, Nei. **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira**. São Paulo: Balsa Planeta, 2008.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e Cultura Afro-Brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

MIRANDA, Lílian de Freitas, Universidade Federal de Viçosa, julho de 2022. A memória do município de Viçosa no jornal Folha da Mata (1970 -2019).

MOURA, E. C. **Vem Maria, Vem Maria!** Estudo sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário no distrito de São José do Triunfo. 2017. 46f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2017.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção negra**: santos pretos e catequese no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

RANGEL, José Maria da Silva. O passado compassado de Viçosa. **José Mário da Silva Rangel**, Viçosa, 03 nov. 2010. Disponível em: <http://opassadocompassadodevicosa.blogspot.com/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

REGINALDO, Luciene. **Os Rosários dos Angolas**: Irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia Setecentista. 2005. 251f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

REGIS, Mariana Fernandes Rodrigues Barreto. **Irmandades negras, transformação e perpetuação da cultura Africana na América Portuguesa**. 2013. 37f. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da escravidão. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 4-33, 1996. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-1.pdf. Acesso em: 26 jul. 2023.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Ed. São Paulo, 1988.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. **Escravos e libertos no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCARANO, Julita. **Devoção e escravidão**: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

SILVA, Medelin. Lourena da. **Expansão da Cidade de Viçosa (MG)**: A dinâmica centro-periferia. 2014. 149f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2014.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva; MESSIAS, Noeci Carvalho. Fé e festividades nas irmandades negras no interior do Brasil: (RE) Afirmação Identitária Afrodiaspórica. **Revista Mosaico**, v. 12, p. 303-314, 2019. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/7330/pdf>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SOUTO, Amanda. Moura. **“Hoje Teve Alegria no Rosário de Maria”**: uma descrição densa da Festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo, Viçosa-MG. 2018. 93f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2018.

SOUZA, Izabel Cristina de; GUAISTI, Maria Cristina Figueiredo Aguiar. Cultura africana e sua influência na cultura brasileira. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 41, 2018, Niterói. **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/12906/510.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jul. 2023.

SOUZA, Natal de Jesus. **Geo – grafias no Tempo/Espaço**: Uma abordagem Cultural Religiosa na Festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo. 2014. 40f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2014.

STEPHAN, Ítalo. **Periferia de Viçosa-MG**. 2022b. 1 desenho em nanquim sobre papel vegetal. Disponível em: <https://italostephanarquitecto.blogspot.com/2022/12/desenho-periferia-de-vicosa-mg.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

STEPHAN, Ítalo. **Viçosa – Quatro pilastras**. 2022a. 1 desenho em nanquim sobre papel vegetal. Disponível em: <https://italostephanarquitecto.blogspot.com/2022/11/desenho-vicosa-quatro-pilastras.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

STEPHAN, Ítalo. **Viçosa: transformações II**. 2014. 1 fotografia. Disponível em: <https://italostephanarquitecto.blogspot.com/2014/12/foto-de-1968.html>. Acesso em: 11 set. 2023.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o Passado**: poder e a produção da história. Curitiba: Huya, 2016.

VIÇOSA MG Fotos Antigas Old sergiobrumano 553138911945. 2019 [S. l.: s. n.], 2019a. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Sergio Augusto Simão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zr4YZ81nUi4>. Acesso em: 11 set. 2023.

VIÇOSA reúne devotos de Santa Rita. **Arquidiocese de Mariana**, 23 maio 2019b. Disponível em: https://arqmariana.com.br/site_2019/noticia/2923/vicosa-reune-devotos-de-santa-rita.html. Acesso em: 11 set. 2023.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDRADE, M. P. **Tradição e modernidade nas práticas culturais de benzeção**. 2019. 135f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2019.

BALBINO, Jefferson. A trajetória de Machado de Assis e sua negritude (não) reconhecida. **Revista Água Viva**, v. 7, n., 2, p. 1-31, ago.- out. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/download/42408/37020/156816>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989 (Coleção Memória e Sociedade).

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. 7 ed. Tradução. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Travessia do Século).

CIVALE, Leonardo; MARTINS, Walkíria Maria Freitas. O Espelho da História: práticas patrimonialistas e transformações na paisagem urbana de Viçosa (1980-2010). **Cadernos de História**, v. 18, n. 28, p. 296-317, 2017.

CORREA, Roberto. Lobato. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 133-153. v.1.

DAVIS, Angela. Mulher, raça e classe. **Plataforma Gueto**, 2013. Disponível em: <http://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/angela-davis.pdf>. Acesso em: 15 maio, 2017.

DOSSE, François. **A História em migalhas: dos Annales à Nova História**. Tradução de Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1992.

GOMES, N.L. **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. Brasília: MEC; Unesco, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: CARNEIRO, Sueli (Org.). Lélia Gonzalez: por um feminismo afro-latino-americano. São Paulo: Zahar, 2020. p. 75–80.

MEIHY, José Carlos; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2010.

MELLO, Fernando Antonio Oliveira. **Análise do processo de formação da paisagem urbana do município de Viçosa, Minas Gerais**. 2002. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2002.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. Revista Estudos Afro-Asiáticos, n. 9, Rio de Janeiro, CEEA, 1985.

NOGUEIRA, João Carlos. PASSOS, Joana Célia dos; SILVA, Vânia Beatriz Monteiro da (Orgs.). **Negros no Brasil: política, cultura e pedagogias**. Florianópolis: Atilênde, 2010.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. **Segregação racial no Brasil: questões contemporâneas em políticas públicas**. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 8, n. 1, p. 1-27, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ruralurbano/article/view/253421>. Acesso em: 19 out. 2023.

PAES, Cíntia. Conheça um pouco da história do mestre Aleijadinho. **Portal Geledés**, 18 nov. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conheca-um-pouco-da-historia-mestre-aleijadinho/>. Acesso em: 27 jul. 2023.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa: mudanças Socioculturais. Evolução Histórica e tendências**. Viçosa: Editora UFV, 1990.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa: tradições e folclore**. 2 ed. Viçosa: Editora UFV, 1983.

PAULA, Karine de Almeida. A produção do espaço urbano vertical na Zona Central de Viçosa – MG, no período 1980-2012. 2013. 138f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.

PAULA, Ricardo Zimbrão A. História da formação regional da Zona da Mata mineira. In: SOUSA, Jorge P.; ANDRADE, Rômulo G. (Orgs.). **Zona da Mata: fronteira, escravismo e riqueza**. Rio de Janeiro: apicuri, 2014, p. 51-82.

PONTES, Márcio Miranda. A importância da cultura na nossa vida. **Sociedade Artística Brasileira**, 05 ago. 2018. Disponível em: <https://www.sabra.org.br/site/a-importancia-da-cultura-na-nossa-vida/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PONTES, Márcio Miranda. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 08 nov. 2020.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1994.

SILVA, Susie Barreto da; MENDES, Rosicléia Lopes Rodrigues. **A importância das raízes culturais para a identidade cultural do indivíduo: a importância de se conhecer e preservar na memória as raízes culturais regionais**. [sem data].

Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-importancia-das-raizes-culturais-para-identidade-.htm>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SILVA, Yan Victor Leal da. “**Plantando com a Memória**”: os quintais como espaço de vida na poética de gente, tempo e lugar. 2018. 178f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2018.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da Cor**: Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro do século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUSA, Patrício Pereira Alves. **As Geo-Grafias da Memória**: Gênero e Negritude na Constituição do Lugar Festivo do Congado de São José do Triunfo, Viçosa-MG. 2008. 97f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2008.

SOUSA, Patrício Pereira Alves. **Corpos em Drama, Lugares em Trama**: gênero, negritude e ficção política nos Congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG. 2011. 313 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, MG, 2011.

TREMURA, Welson. **A influência africana na música brasileira**: samba. Disponível em: https://welsontremura.com/images/downloads/PT%20African_Influence_in_Brazilian_Music.pdf. Acesso em: 30 jul. 2023.

Videografia

GENGIBRE Congado de São José do Triunfo Parte 1. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal Tuwilê. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bX8uFpPmfVQ>. Acesso em 23 ago. 2016

CONGADO. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (26 min.). Publicado pelo canal Cultura: histórias e memórias. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PPCKNOdv7ug>. Acesso em: 05 fev. 2023.